



nara roesler

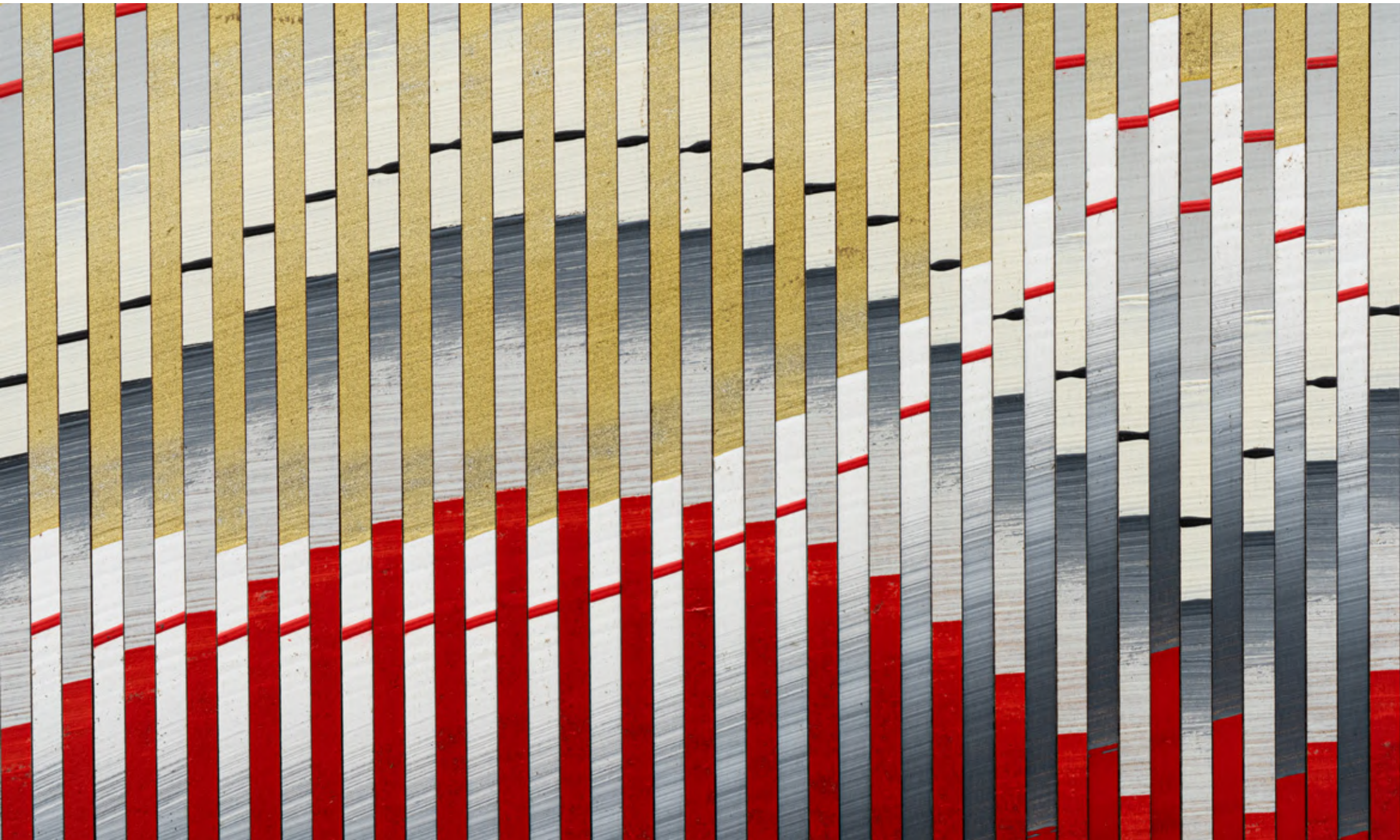
artrio 2021

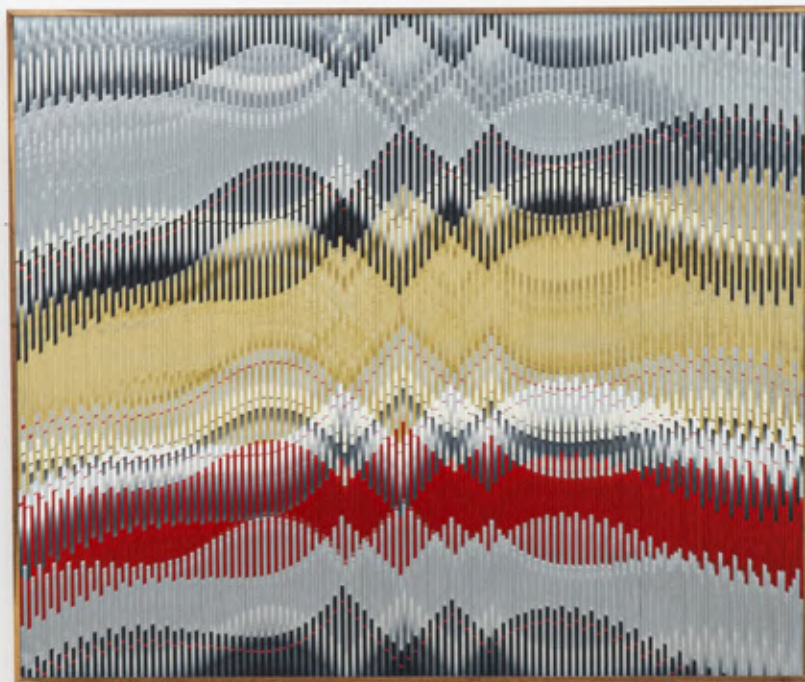
8-12 de setembro, 2021
estande C4

marina da glória
av. infante dom henrique, s/n
glória, rio de janeiro

Nara Roesler tem o prazer de apresentar na ArtRio 2021 uma seleção de seus artistas históricos, cuja produção representa um ponto de inflexão na passagem da arte moderna para a contemporânea, pontuada pela produção de artistas de novas gerações, explicitando as relações de influência e de tensão entre práticas diferentes que abordam questões similares, como os limites da abstração, da figuração e da espacialidade, criando interconexões capazes de elucidar sobre os caminhos da arte contemporânea.

abraham palatnik





Abraham Palatnik
W-TB/4, 2018
tinta acrílica e esmalte
sobre madeira
95 x 115 cm

abraham palatnik

n. 1928, Natal, Brasil

m. 2020, Rio de Janeiro, Brasil

Abraham Palatnik é figura central da arte cinética e óptica no Brasil. Seu interesse pelas possibilidades criativas das máquinas evoca a relação entre arte e tecnologia. O artista formou-se em engenharia, o que contribuiu para que desenvolvesse investigações técnicas focadas na experimentação com o movimento e a luz, realizando proposições baseadas no fenômeno visual que tornaram seu trabalho conhecido ao longo de sete décadas de produção. Destacou-se no cenário artístico a partir da criação de seu primeiro *Aparelho Cinecromático* (1949), peça em que reinventa a prática da pintura por meio do movimento coreografado de lâmpadas de diferentes voltagens em distintas velocidades e direções que criam imagens caleidoscópicas. Exibida na 1ª Bienal de São Paulo (1951), essa instalação de luz recebeu Menção Honrosa do júri internacional por sua originalidade.

As séries de progressões e relevos que iniciou posteriormente, feitas em materiais diversos (como madeira, cartão duplex ou acrílico), apresentam efeitos ópticos e cinéticos criados a partir de um meticuloso processo manual. O resultado são composições abstratas marcadas por um padrão rítmico que remete ao movimento de ondas irregulares. Embora a série *W* tenha incorporado o corte a laser feito por uma empresa especializada, Palatnik continua construindo e pintando artesanalmente cada peça até hoje, a fim de compor os quadros finais.

exposições individuais selecionadas

- *Abraham Palatnik – A reinvenção da pintura*, Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB-RJ), Rio de Janeiro, Brasil (2017); Fundação Iberê Camargo (FIC), Porto Alegre, Brasil (2015); Museu Oscar Niemeyer (MON), Curitiba, Brasil (2014); Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP), São Paulo, Brasil (2014); Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB-DF), Brasília, Brasil (2013)
- *Abraham Palatnik: Em movimento*, Nara Roesler, Rio de Janeiro, Brasil (2018)
- *Abraham Palatnik: Progression*, Sicardi Gallery, Houston, EUA (2017)
- *Palatnik, une discipline du chaos*, Galerie Denise René, Paris, França (2012)

exposições coletivas selecionadas

- *Sur moderno: Journeys of Abstraction—The Patricia Phelps de Cisneros Gift*, The Museum of Modern Art (MoMA), New York, EUA (2019)
- *The Other Trans-Atlantic: Kinetic & Op Art in Central & Eastern Europe and Latin America 1950s–1970s*, Sesc Pinheiros, São Paulo, Brasil (2018); Garage Museum of Contemporary Art, Moscou, Rússia (2018); Museum of Modern Art in Warsaw, Varsóvia, Polônia (2017)
- *Delirious: Art at the Limits of Reason, 1950–1980*, Metropolitan Museum of Art, Nova York, EUA (2018)
- *Kinesthesia: Latin American Kinetic Art 1954–1969*, Palm Springs Art Museum (PSAM), Palm Springs, EUA (2017)

coleções selecionadas

- Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM-Rio), Rio de Janeiro, Brasil
- Royal Museums of Fine Arts of Belgium, Bruxelas, Bélgica
- Adolpho Leirner Collection of Brazilian Constructive Art, Museum of Fine Arts Houston (MFAH), Houston, EUA
- Museum of Modern Art (MoMA), Nova York, EUA
- William Keiser Museum, Krefeld, Alemanha

amelia toledo





Amelia Toledo
Espirais, sem data
tinta acrílica sobre juta
100 x 100 x 3,5 cm



Amelia Toledo
Espiraís, sem data
tinta acrílica sobre juta
100 x 100 x 3,5 cm



Amelia Toledo
Impulso, anos 2000
calcita laranja sobre coluna de concreto
128 x 29 x 26 cm



Amelia Toledo
Impulso, años 2000
zoisita sobre columna de concreto
141 x 38 x 26 cm



amelia toledo

n. 1926, São Paulo, Brasil

m. 2017, Cotia, Brasil

Amelia Toledo iniciou seus estudos em arte no final dos anos 1930, quando frequentou o Ateliê de Anita Malfatti. Na década seguinte, estudou com Yoshiya Takaoka e Waldemar da Costa. Em 1948 atuou com desenho de projetos no escritório do arquiteto Vilanova Artigas. Esse contato com figuras chave da arte moderna brasileira, assim como sua experiência no laboratório de anatomia patológica de seu pai, possibilitaram o desenvolvimento de um trabalho multifacetado que faz uso de diversas linguagens como escultura, pintura e gravura. Essa produção floresceu, ainda, no convívio com outros artistas de sua geração, tais como Mira Schendel, Tomie Ohtake, Hélio Oiticica e Lygia Pape.

A diversidade de meios de Amelia Toledo é reveladora de um espírito voltado para uma investigação expandida das possibilidades artísticas. A partir dos anos 1970 a produção da artista ultrapassa a gramática construtiva, que fazia uso de elementos geométricos regulares e curvas, e passa a se debruçar sobre formas da natureza. Toledo começa a colecionar materiais como conchas e pedras, e a paisagem passa a se tornar um tema fundamental de sua prática. Já a pintura da artista possui inclinações monocromáticas, revelando seu interesse pela pesquisa com a cor.

exposições individuais selecionadas

- *Amelia Toledo – Lembrei que esqueci*, Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB-SP), São Paulo, Brasil (2017)
- *Amelia Toledo*, Estação Pinacoteca, São Paulo, Brasil (2009)
- *Novo olhar*, Museu Oscar Niemeyer, Curitiba, Brasil (2007)
- *Viagem ao coração da matéria*, Instituto Tomie Ohtake, São Paulo, Brasil (2004)

exposições coletivas selecionadas

- *Modos de ver o Brasil: Itaú Cultural 30 anos*, Oca, São Paulo, Brasil (2017)
- 10ª Bienal do Mercosul, Porto Alegre, Brasil (2015)
- *30x Bienal: Transformações na arte brasileira da 1ª à 30ª edição*, Fundação Bienal de São Paulo, São Paulo, Brasil (2013)
- *Um ponto de ironia*, Fundação Vera Chaves Barcellos, Viamão, Brasil (2011)
- 29ª Bienal de São Paulo, São Paulo, Brasil (2010)
- *Brasileira MASP: Moderna contemporânea*, Museu de Arte de São Paulo (MASP), São Paulo, Brasil (2006)

coleções selecionadas

- Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, Portugal
- Instituto Itaú Cultural, São Paulo, Brasil
- Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP), São Paulo, Brasil
- Museu de Arte de São Paulo (MASP), São Paulo, Brasil
- Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil

angelo venosa





Angelo Venosa
Sem título, 1989/2017
bronze
edição de 3 + 2 PA
220 x 12 x 20 cm

angelo venosa

n. 1954, São Paulo, Brasil

vive e trabalha no Rio de Janeiro, Brasil

Angelo Venosa, juntamente com Daniel Senise (1955–), Luiz Pizarro (1958–) e João Magalhães (1945–), formou o Ateliê da Lapa, entre 1984 e 1990. Foi então que ele produziu suas primeiras obras tridimensionais, após um período, quando foi aluno da Escola de Artes Visuais do Parque Lage, em que se dedicou a desenvolver a técnica da pintura. Essa mudança no início de sua trajetória fez com que Venosa fosse reconhecido como uma das poucas exceções da chamada “Geração 80” que se dedica exclusivamente à escultura, ao invés da pintura. Enquanto parte de um grupo de artistas que se rebelou contra a tradição do formalismo no Brasil, Venosa baseia sua prática na mistura de materiais, gêneros e movimentos históricos, o que resulta em figuras e formas que remetem a estruturas anatômicas, como vértebras e ossos de seres reais e imaginários.

Em seu trabalho, a relação entre forma e matéria é fundamental. As características dos variados materiais empregados (mármore, cera, metal, vidro, acrílico e dentes de animais, entre outros) são determinantes para a construção e percepção do resultado. Os entrelaçamentos entre linhas e volumes sugerem o encontro entre a escultura e o desenho, técnica que também faz parte da prática de Venosa. Impregnadas de estranheza, suas estruturas fundam uma temporalidade ambígua, carregam referências a eras ancestrais e ao futuro distópico. Essa sensação se amplia na tensão entre as formas e materiais orgânicos e inorgânicos apresentados.

exposições individuais selecionadas

- *Catilina*, Paço Imperial, Rio de Janeiro, Brasil (2019)
- *Penumbra*, Memorial Vale, Belo Horizonte, Brasil; Museu Vale, Vila Velha, Brasil (2018)
- *Marimbondo*, Oi Futuro Flamengo, Rio de Janeiro, Brasil (2016)
- *Angelo Venosa: Panorama*, Museu de Arte Moderna Aloísio Magalhães (MAMAM), Recife, Brasil; Palácio das Artes (2014), Belo Horizonte, Brasil (2014); Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil (2013); Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil (2012)

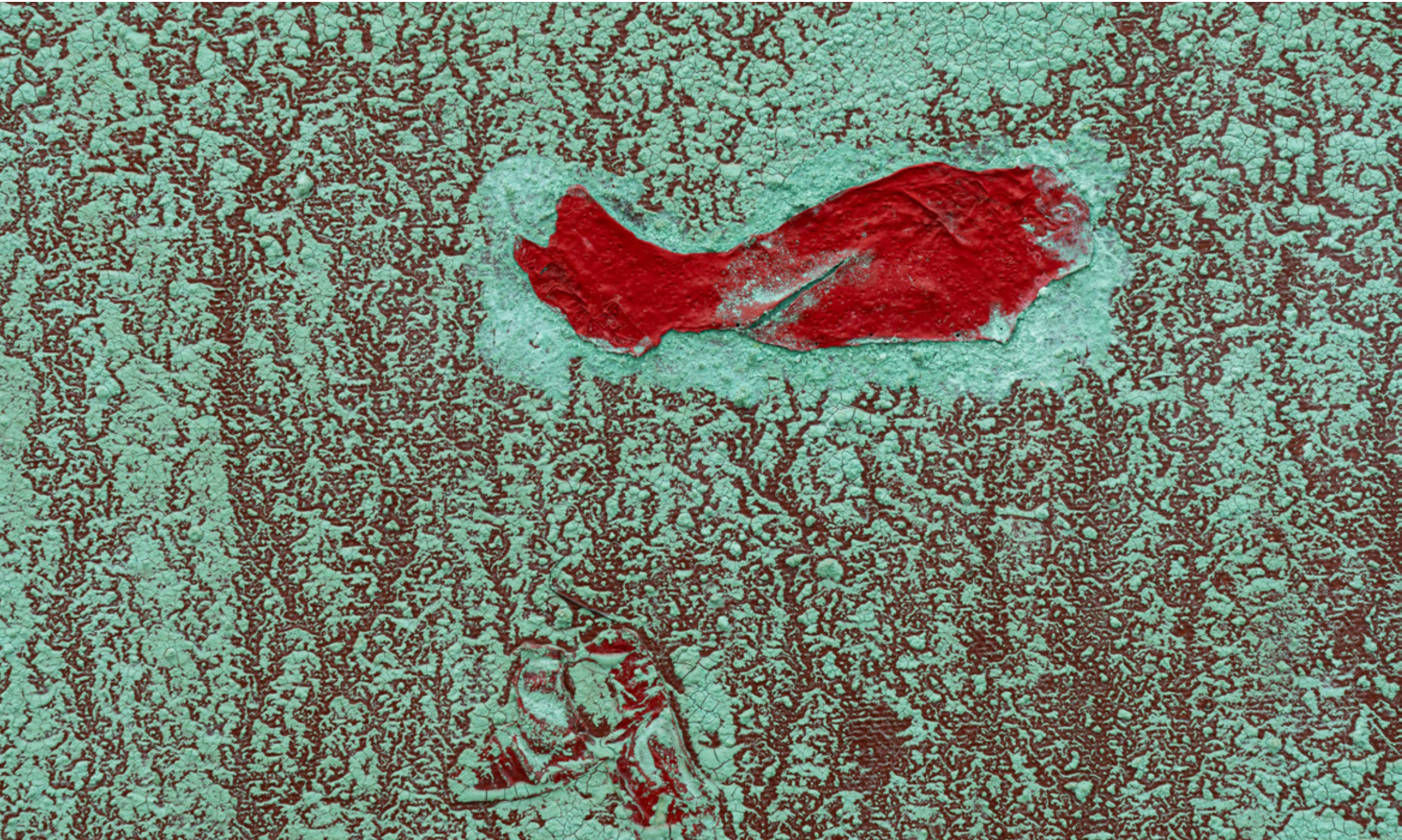
exposições coletivas selecionadas

- *Em polvorosa – Um panorama das coleções do MAM Rio*, Museu de Arte de Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil (2016)
- *30 x Bienal: Transformações na arte brasileira da 1ª à 30ª edição*, Fundação Bienal de São Paulo, São Paulo, Brasil (2013)
- *From the Margin to the Edge: Brazilian Art and Design in the 21st Century*, Sommerset House, Londres, Reino Unido (2012)
- *MAM 60*, Oca, São Paulo, Brasil (2008)
- 5ª Bienal do Mercosul, Porto Alegre, Brasil (2005)

coleções selecionadas

- Colección Patricia Phelps de Cisneros (CPPC), Caracas, Venezuela
- Instituto Itaú Cultural, São Paulo, Brasil
- Museo Nacional Centro de Arte Reina Sofía (MNCARS), Madri, Espanha
- Museu de Arte do Rio (MAR), Rio de Janeiro, Brasil
- Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil

antonio dias





Antonio Dias
Saru (Saru-San) (Díptico), 1997
tinta óleo sobre tela
80 x 150 cm



antonio dias

n. 1944, Campina Grande, Brasil

m. 2018, Rio de Janeiro, Brasil

Antonio Dias iniciou sua carreira na década de 1960, produzindo obras marcadas pelo conteúdo de crítica política na forma de pinturas, desenhos e *assemblages* típicas do Neofigurativismo e da Pop Art brasileiros, o que lhe rendeu o rótulo de representante da Nova Figuração brasileira. No entanto, sua prática dialoga também com o legado do movimento concretista e com impulso revolucionário da Tropicália. A partir de 1966, ao se auto-exilar em Paris, após críticas sutis à ditadura militar brasileira, o artista entrou em contato com nomes do movimento de vanguarda italiano ‘Arte Povera’, entre eles Luciano Fabro e Giulio Paolini. Nesse contexto europeu, voltou-se cada vez mais para a abstração, transformando seu estilo.

Em seguida, Dias partiu para a Itália e adotou uma abordagem conceitual, criando pinturas, vídeos, filmes, registros e livros de artista, utilizando cada uma dessas mídias para questionar o sentido da arte. Ao abordar o erotismo, o sexo e a opressão política de forma lúdica e subversiva, construiu uma obra ímpar e conceitual, dotada de sofisticação formal e permeada por questões políticas e críticas contundentes ao sistema da arte. Na década de 1980, voltou novamente sua atenção à pintura, realizando experimentos com pigmentos metálicos e minerais – como ouro, cobre, óxido de ferro e grafite – misturados a aglutinantes diversos. A maioria de suas obras desse período apresenta brilho metálico e contém grande variedade de símbolos – ossos, cruzes, retângulos, falos –, que remetem às suas primeiras produções.

exposições individuais selecionadas

- *Antonio Dias: Ta Tze Bao*, Nara Roesler, Nova York, EUA (2019)
- *Antonio Dias: O ilusionista*, Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM-Rio), Rio de Janeiro, Brasil (2018)
- *Una collezione*, Fondazione Marconi, Milão, Itália (2017)
- *Antonio Dias – Potência da pintura*, Fundação Iberê Camargo (FIC), Porto Alegre, Brasil (2014)

exposições coletivas selecionadas

- *Pop América, 1965–1975*, Mary & Leigh Block Museum at Northwestern University, Evanston (2019); Nasher Museum of Art at Duke University, Durham (2019); McNay Art Museum, San Antonio (2018), EUA
- *Invenção de origem*, Estação Pinacoteca, São Paulo, Brasil (2018)
- 33ª Bienal de São Paulo, Fundação Bienal de São Paulo, São Paulo, Brasil (2018)
- *Mario Pedrosa – On the Affective Nature of Form*, Museo Nacional Centro de Arte Reina Sofía (MNCARS), Madri, Espanha (2017)

coleções selecionadas

- Daros Latinamerica Collection, Zurique, Suíça
- Museum of Modern Art (MoMA), Nova York, EUA
- Museo de Arte Latinoamericano de Buenos Aires (MALBA), Buenos Aires, Argentina
- Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP), São Paulo, Brasil

artur lescher





Artur Lescher
Vanvan, 2021
porcelana branca
e feltro de lã natural
unique
158 x 154 x 15 cm

artur lescher

n. 1962, São Paulo, Brasil, onde vive e trabalha

O paulistano Artur Lescher destaca-se no atual panorama da arte contemporânea brasileira por suas obras tridimensionais. Há mais de trinta anos, ele apresenta um sólido trabalho, resultado de uma pesquisa em torno da articulação entre matéria, forma e pensamento. São trabalhos que excedem o caráter de escultura e cruzam as linguagens da instalação e do objeto, a fim de modificar a compreensão destas e do espaço em que se inserem. Ao mesmo tempo que sua prática está atrelada a processos industriais, sua produção não tem por único fim a forma. Ao escolher nomear obras como *Rio Máquina*, *Metamérico* ou *Inabsência*, Lescher sugere narrativas, por vezes contraditórias ou provocativas, que abrem espaço para o mito e a imaginação.

Lescher obteve reconhecimento no âmbito nacional a partir de sua participação na 19ª Bienal de São Paulo, em 1987, onde apresentou *Aerólitos*, obra que consiste no diálogo estabelecido entre dois balões de ar quente, cada um com onze metros de comprimento. Um deles se habitava o interior do pavilhão da mostra, e o outro, a área externa. Ao justapor sólidas estruturas geométricas e materiais resistentes como metal, pedra, madeira, latão e cobre a outros que guardam características de impermanência ou inconstância, como água, azeite e sal, Lescher enfatiza a imponderabilidade, ou “a inquietude”, como observou o crítico e curador Agnaldo Farias em relação a “suas peças, contrariando suas aparências exatas e limpas, passa-nos uma sensação de inquietude, como se nós, espectadores, estivéssemos na iminência de assistir a irrupção de algo, (...), que pode desembocar na violência, no atracamento de materiais, na deformação de um corpo, rastros de uma ação já encerrada.”

exposições individuais selecionadas

- *Artur Lescher: Suspensão*, Estação Pinacoteca, São Paulo, Brasil (2019)
- *Asterismos*, Almine Rech Gallery, Paris, França (2019)
- *Porticus*, Palais d'Iéna, Paris, França (2017)
- *Inner Landscape*, Piero Atchugarry Gallery, Pueblo Garzón, Uruguai (2016)

exposições coletivas selecionadas

- *Tension and Dynamism*, Atchugarry Art Center, Miami, EUA (2018)
- *Mundos transversales – Colección permanente de la Fundación Pablo Atchugarry*, Fundación Pablo Atchugarry, Maldonado, Uruguai (2017)
- *Everything You Are I Am Not: Latin American Contemporary Art from the Tiroche DeLeon Collection*, Mana Contemporary, Jersey, EUA (2016)
- *El círculo caminaba tranquilo*, Museo de Arte Moderno de Buenos Aires (MAMBA), Buenos Aires, Argentina (2014)
- *The Circle Walked Casually*, Deutsche Bank KunstHalle, Berlim, Alemanha (2013)

coleções selecionadas

- Museo de Arte Latinoamericano de Buenos Aires (MALBA), Buenos Aires, Argentina
- Museum of Fine Arts Houston (MFAH), Houston, EUA
- Philadelphia Museum of Art, Filadélfia, EUA
- Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil

berna reale





Berna Reale
Ginástica da pele # 05, 2019
pigmento mineral sobre papel
fotográfico Premium Luster
edição de 5 + 2 PA
150 x 100 cm

berna reale

n. 1965, Belém do Pará, Brasil, onde vive e trabalha

Berna Reale é uma das artistas mais importantes no cenário brasileiro atual, sendo reconhecida como uma das principais expoentes da prática de performance no país. Reale iniciou sua carreira artística no começo da década de 1990. Seu primeiro trabalho de grande impacto, *Cerne* (25º Salão Arte Pará, 2006), intervenção fotográfica realizada no Mercado de Carne do Complexo do Ver-o-Peso, conduziu a artista ao Centro de Perícias Renato Chaves, onde passou a trabalhar como perita a partir de 2010.

Desde então, Reale tem explorado seu próprio corpo como elemento central da produção de suas performances, fotografias e vídeos. Seus trabalhos, marcados pela abordagem crítica dos aspectos materiais e simbólicos da violência e dos processos de silenciamento presentes nas mais diversas instâncias da sociedade, investigam a importância das imagens na manutenção de imaginários e ações brutais. A potência de sua produção reside na contraposição entre o desejo de aproximação e o sentimento de repulsa, ressaltando a ironia que resulta da combinação entre o fascínio e a aversão da sociedade pela violência.

A fotografia, nesse contexto, desempenha um papel fundamental. Ela não é apenas o meio de registro de suas ações, capaz de perpetuá-las, mas um desdobramento de seu processo de criação.

exposições individuais selecionadas

- *While You Laugh*, Nara Roesler, Nova York, EUA (2019)
- *Festa*, Viaduto das Artes, Belo Horizonte, Brasil (2019)
- *Deformation*, Bergkirche, Wiesbaden, Alemanha (2017)
- *Berna Reale – Über uns / About Us*, Kunsthau, Wiesbaden, Alemanha (2017)
- *Berna Reale: Singing in the Rain*, Utah Museum of Contemporary Art (UMoCA), Salt Lake City, EUA (2016)
- *Vazio de nós*, Museu de Arte do Rio (MAR), Rio de Janeiro, Brasil (2013)

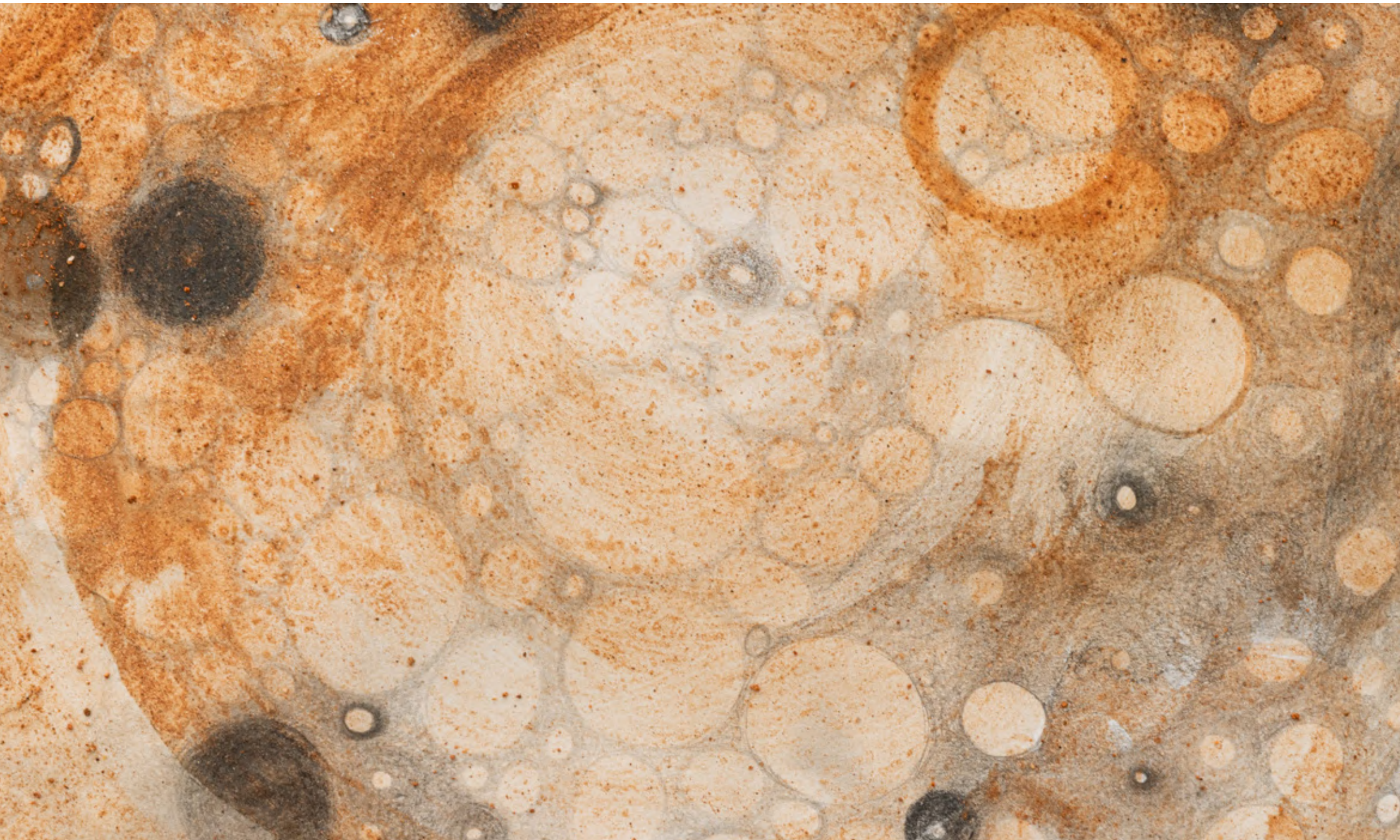
exposições coletivas selecionadas

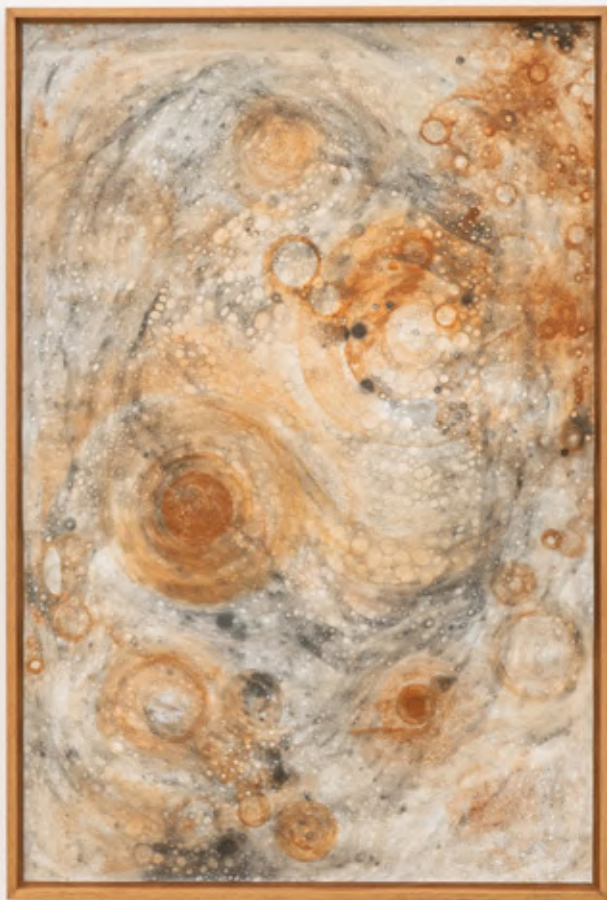
- 3ª Beijing Photo Biennial, China (2018)
- 56ª Bienal de Veneza, Itália (2015)
- *Brasile. Il coltello nella carne*, Padiglione d'Arte Contemporanea Milano (PAC-Milano), Milão, Itália (2018)
- *Video Art in Latin America, Il Pacific Standard Time: LA/LA (II PST: LA/LA)*, LAXART, Hollywood, EUA (2017)
- *Artistas comprometidos? Talvez*, Fundação Calouste Gulbenkian (FCG), Lisboa, Portugal (2014)

coleções selecionadas

- Instituto Itaú Cultural, São Paulo, Brasil
- Kunsthau Wiesbaden, Wiesbaden, Alemanha
- Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP), São Paulo, Brasil
- Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil

brígida baltar





Brígida Baltar
Casa cosmos, 2010/2020
pó de tijolo e lápis
preto sobre papel
150 x 100 cm

brígida baltar

n. 1959, Rio de Janeiro, Brasil, onde vive e trabalha

O trabalho de Brígida Baltar cruza fronteiras entre vídeo, performance, instalação, desenho e escultura. Nas palavras da curadora Lisette Lagnado, ele envolve um “processo de fabulação, que alude ao retorno de uma narratividade pré-industrial, infantil e primitiva”. A artista começou a desenvolver sua obra na década de 1990, por meio de pequenos gestos poéticos realizados na sua casa-ateliê, localizada em Botafogo, bairro da zona sul do Rio de Janeiro.

Durante quase dez anos, Baltar colecionou materiais da vida doméstica, como a água que escorria de goteiras no telhado ou a poeira marrom-avermelhada dos tijolos de barro das paredes. As ações caseiras foram, em seguida, expandidas para o espaço da rua, originando obras como a série *Coletas*, em que ela busca capturar o orvalho e a água do mar evaporada, dedicando-se à tarefa impossível de captar o intangível.

A produção recente da artista apresenta uma depuração de questões investigadas anteriormente. Da poeira de tijolos resultam desenhos de montanhas e florestas cariocas que entrelaçam seu trabalho passado com o atual, tornando-os mais do que meras descrições das elevações do terreno e das florestas. Baltar também tem se debruçado sobre sua própria biografia, ao produzir bordados que se relacionam com seu corpo e, em especial, sua pele.

exposições individuais selecionadas

- *Brígida Baltar: Filmes*, Espaço Cultural BNDES, Rio de Janeiro, Brasil (2019)
- *A carne do mar*, Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2018)
- SAM Art Project, Paris, França (2012)
- *O amor do pássaro rebelde*, Cavalariças, Parque Lage, Rio de Janeiro, Brasil (2012)
- *Brígida Baltar – Passagem Secreta*, Fundação Eva Klabin, Rio de Janeiro, Brasil (2007)

exposições coletivas selecionadas

- 12ª Bienal do Mercosul, Porto Alegre, Brasil (2020)
- *Alegria – A natureza-morta nas coleções MAM Rio*, Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil (2019)
- *I Remember Earth*, Magasin des horizons, Centre d'arts et de Cultures, Grenoble, França (2019)
- *Neither-nor: Abstract Landscapes, Portraits and Still Lives*, Terra-Art Project, Londres, Reino Unido (2017)
- *Constructing views: Experimental film and video from Brazil*, New Museum, Nova York, EUA (2010)

coleções selecionadas

- Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil
- Museum of Fine Arts Houston (MFAH), Houston, EUA
- Museu de Arte do Rio (MAR), Rio de Janeiro, Brasil
- Museum of Contemporary Art of Cleveland (MOCA), Cleveland, EUA

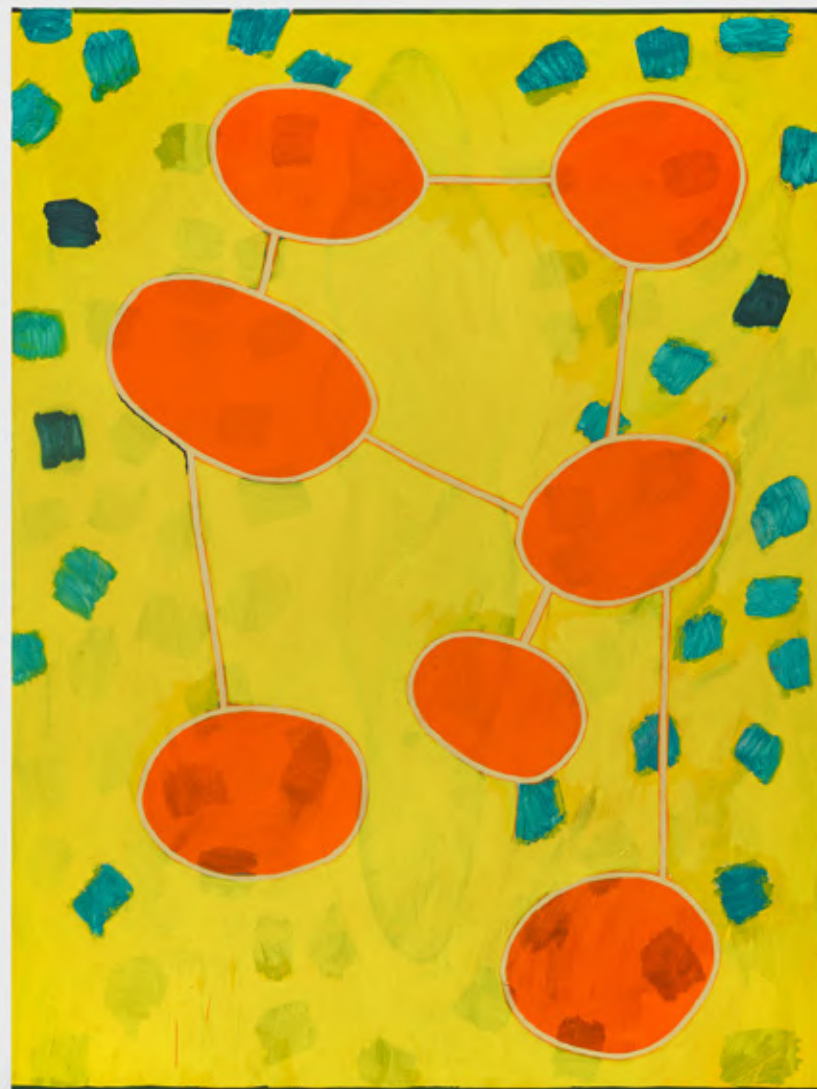
bruno dunley





Bruno Dunley
Natureza morta, 2020/2021
tinta óleo sobre tela
60 x 75 cm





Bruno Dunley
7, 2016/2021
tinta óleo sobre tela
200 x 150 cm



bruno dunley

n. Petrópolis, Brasil, 1984

vive e trabalha em São Paulo, Brasil

No universo pictórico de Bruno Dunley, promessas são constantemente feitas e quebradas, distendendo os limites da visualidade. Seu trabalho explora a pintura não apenas como técnica de figuração expressiva, mas busca refletir sobre a própria especificidade do meio, principalmente no que diz respeito à sua materialidade e função representativa na tradição artística. Dunley é um dos expoentes da nova e proeminente geração de pintores brasileiros e um dos fundadores do Grupo 2000e8. O coletivo de jovens artistas foi criado em São Paulo devido a um interesse compartilhado pela pintura e pela vontade de desenvolver um pensamento crítico sobre a técnica na contemporaneidade.

O processo de Dunley parte de composições rigorosamente construídas que passam por correções e alterações graduais e cuja função é revelar as lacunas e lapsos da percepção visual. Frequentemente, uma única cor predomina na superfície, o que gera uma postura meditativa diante do trabalho. Contudo, há a busca crescente por configurações mais agressivas, expressivas e contrastadas, por cores vibrantes. Em sua prática, a temática é sempre dúplice: o artista pinta influenciado pelo encontro com imagens cotidianas, assim como pelo estudo aprofundado do campo pictórico. Ambas convergem, porém, no uso pronunciado dos códigos dessa linguagem. Gestos, planos e cores fazem a representação emergir mais como um alfabeto, um território comum, em que o processo de feitura sempre está presente.

exposições individuais selecionadas

- *The Mirror*, Nara Roesler, Nova York, EUA (2018)
- *Dilúvio*, SIM Galeria, Curitiba, Brasil (2018)
- *Ruído*, Nara Roesler, Rio de Janeiro, Brasil (2015)
- e, Centro Universitário Maria Antonia, São Paulo, Brasil (2013)
- 11bis Project Space, Paris, França (2011)

exposições coletivas selecionadas

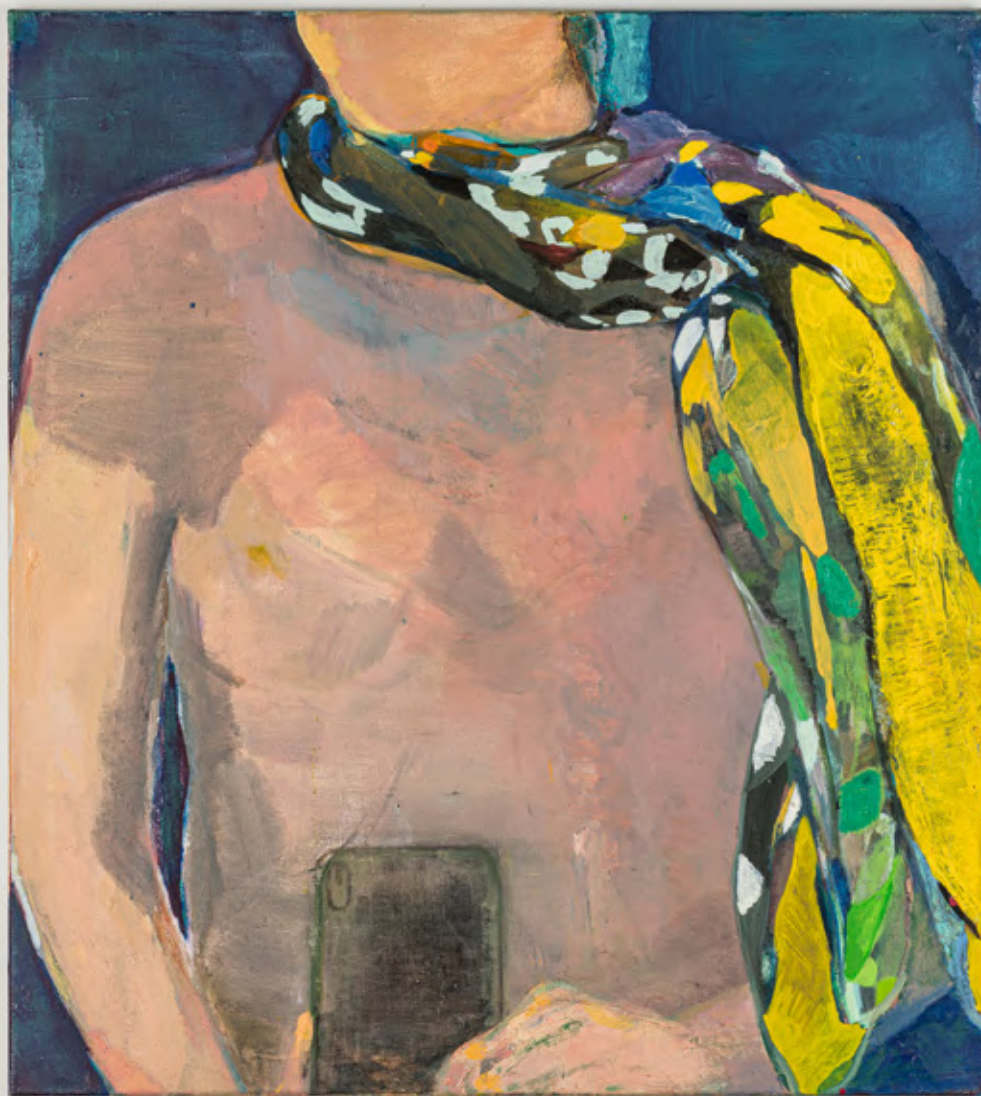
- *Triangular: Arte deste século*, Casa Niemeyer, Brasília, Brasil (2019)
- *AI-5 50 ANOS – Ainda não terminou de acabar*, Instituto Tomie Ohtake (ITO), São Paulo, Brasil (2018)
- *139 X NOTHING BUT GOOD, Park – platform for visual arts*, Tilburg, Países Baixos (2018)
- *Visões da arte no acervo do MAC USP 1900-2000*, Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo (MAC-USP), São Paulo, Brasil (2016)
- *Deserto-modelo*, 713 Arte Contemporâneo, Buenos Aires, Argentina (2010)

coleções selecionadas

- Instituto Itaú Cultural, São Paulo, Brasil
- Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo (MAC-USP), São Paulo, Brasil
- Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP), São Paulo, Brasil
- Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil

cristina canale





Cristina Canale
Selfie, 2019
acrílica e óleo sobre linho
100 x 90 cm

cristina canale

n. 1961, Rio de Janeiro, Brasil

vive e trabalha em Berlim, Alemanha

Cristina Canale surgiu no circuito de arte ao participar da emblemática coletiva *Como vai você, Geração 80?*, na Escola de Artes Visuais do Parque Lage (EAV Parque Lage), no Rio de Janeiro, em 1984. Como no caso de muitos de seus colegas da chamada “Geração 80”, sua produção inicial está em consonância com o processo de retomada da pintura no contexto internacional, influenciado pela tendência do neoexpressionismo alemão. Carregadas de elementos visuais e volume de tinta, suas primeiras pinturas apresentam um caráter matérico, distinguindo-se pelo uso intuitivo de cores contrastantes e vivas que é notável em suas obras até hoje. No começo da década de 1990, Canale mudou-se para Düsseldorf, na Alemanha, onde estudou sob orientação do artista conceitual holandês Jan Dibbets. Suas composições passaram a investigar a espacialidade, a partir da sugestão de planos e profundidades e da maior fluidez no uso das cores, características que marcaram sua produção nesse período.

Geralmente baseadas em cenas prosaicas do cotidiano, muitas vezes extraídas da fotografia publicitária, suas obras resultam de um elaborado trabalho de composição e se destacam por transitar entre a figuração que se esvai na abstração, por um lado, e a abstração que evoca uma figuração, por outro. Para o curador e crítico de arte Tiago Mesquita, a produção de Canale contrapõe-se à busca por estruturas de constituição da imagem conforme praticado por artistas como Gerhard Richter e Robert Ryman, uma vez que aborda “a imagem e os gêneros consagrados da pintura de forma subjetiva, acreditando em uma experiência singular”.

exposições individuais selecionadas

- *Cabeças/Falantes*, Nara Roesler, São Paulo, Brazil (2018)
- *Cristina Canale: Zwischen den Welten*, Kunstforum Markert Gruppe, Hamburgo, Alemanha (2015)
- *Entremundos*, Paço Imperial, Rio de Janeiro, Brasil (2014)
- *Espelho e Memória – Spiegel und Erinnerung*, Galerie Atelier III, Barmstedt, Alemanha (2014)
- *Arredores e rastros*, Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brazil (2010)

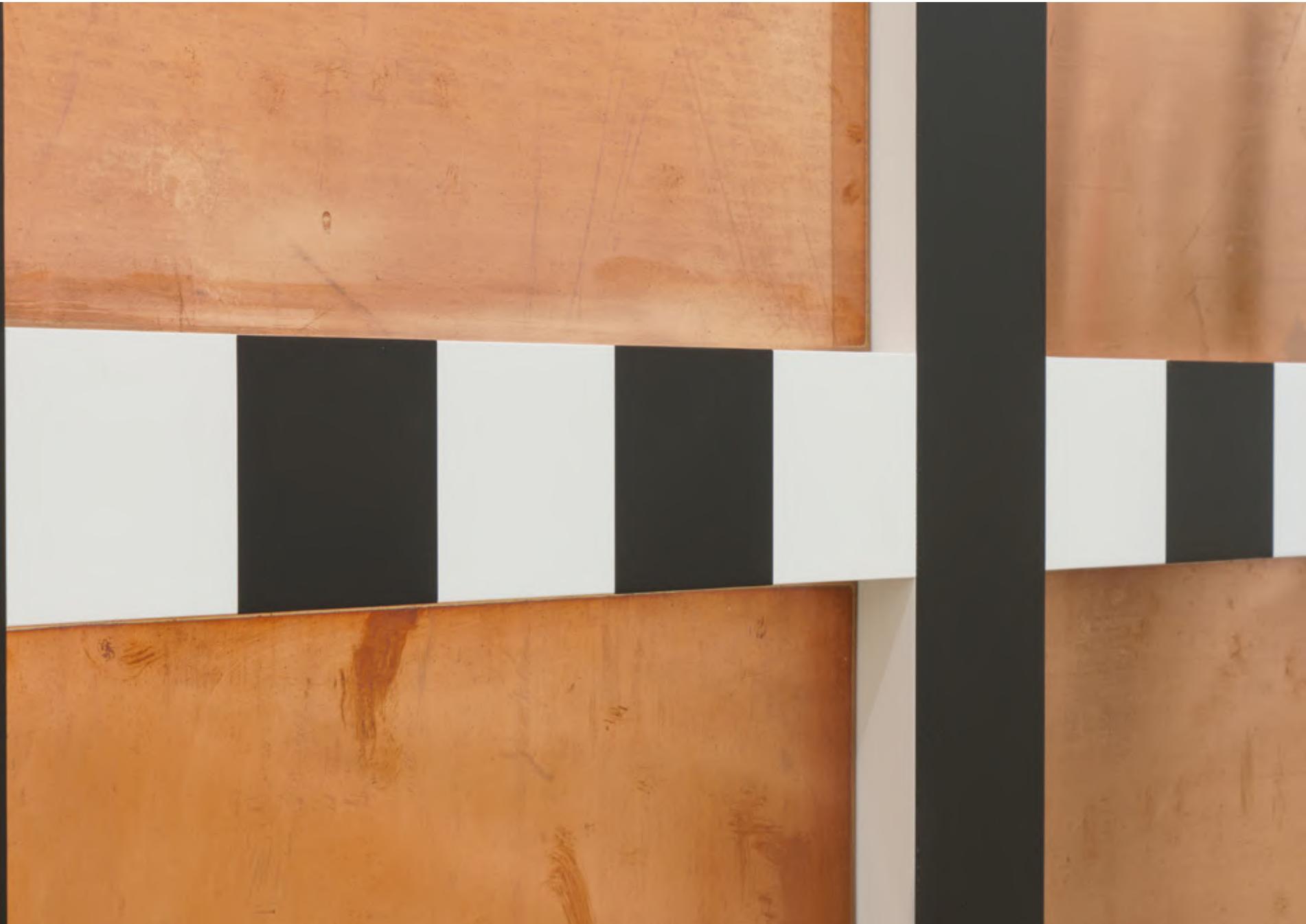
exposições coletivas selecionadas

- *Ateliê de Gravura: da tradição à experimentação*, Fundação Iberê Camargo (FIC), Porto Alegre, Brasil (2019)
- *Mulheres na Coleção MAR*, Museu de Arte do Rio (MAR), Rio de Janeiro, Brasil (2018)
- *MACS Fora de Casa – Poéticas do feminino*, Sesc Sorocaba, Sorocaba, Brasil (2018)
- *Alucinações à beira mar*, Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brazil (2017)
- *Land der Zukunft, Lichthof – Auswärtiges Amt*, Berlim, Alemanha (2013)

coleções selecionadas

- Coleção Gilberto Chateaubriand – Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil
- Coleção João Sattamini – Museu de Arte Contemporânea de Niterói (MAC-Niterói), Rio de Janeiro, Brasil
- Instituto Itaú Cultural, São Paulo, Brasil
- Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo (MAC USP), São Paulo, Brasil
- Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil

daniel buren





[simulação]
Daniel Buren
New Grids: Baixo-relevo – DBNR, 2021
cobre, adesivo de vinil preto,
mdf e tinta acrílica branca
unique
200,1 x 200,1 cm

daniel buren

n. 1938, Boulogne-billancourt, França
vive e trabalha *in situ*

Daniel Buren é figura central na arte conceitual desde a década de 1960, quando atuou como membro fundador da associação Buren, Mosset, Parmentier, Toroni (BMPT). Amplamente conhecido pelo uso de grandes listras simétricas de cores contrastantes dispostas sobre superfícies ou espaços arquitetônicos. Naquela época, Buren começou a produzir intervenções em lugares públicos sem autorização prévia. Ele começou a distribuir centenas de pôsteres listrados por Paris e, mais tarde, em mais de 100 estações de metrô, o que rapidamente chamou a atenção do público. Não demorou muito para voltar seu interesse para a influência da arquitetura (em especial a de museus) na arte. O artista passou a produzir trabalhos mais tridimensionais e a conceber proposições a partir da modulação do espaço que habitam.

Buren desafia as noções convencionais dos lugares onde a arte pode ser vista e como ela pode ser compreendida. Sua prática instaura um ambiente não só discursivo, mas físico, dentro e ao redor do qual o público pode se movimentar. Por isso, ele se tornou responsável por introduzir a noção de "in situ" nas artes visuais, conceito que caracteriza a prática que conecta o trabalho às especificidades físicas e culturais dos locais onde ele é apresentado. A partir da década de 1990, o artista passa a, literalmente, instalar cores no espaço, utilizando filtros e lâminas de vidro ou acrílico. Desse modo, o trabalho parece invadir nosso espaço – sensação que Buren intensifica pelo uso de espelhos –, convidando o espectador a envolver-se com ele com todo seu corpo.

Recentemente, suas investigações evoluíram para o uso da luz como meio de produzir efeitos de cor em macroescala e de espelhos para alterar o espaço pela refração da imagem. Seu trabalho foi amplamente exibido internacionalmente, realizando apresentações icônicas, em mais de uma dúzia de edições da Bienal de Veneza, pela qual recebeu o Leão de Ouro por "Melhor Pavilhão", em 1986.

exposições individuais selecionadas

- *Daniel Buren. De cualquier manera, trabajos 'in situ'*, Museo de Arte Italiano, Lima, Peru (2019)
- *Daniel Buren. Une Fresque / Een Fresco / a Fresco*, BOZAR/Palais des Beaux-Arts, Bruxelas, Bélgica (2016)
- *Daniel Buren. Comme un jeu d'enfant, travaux in situ*, Musée d'Art moderne et contemporain, Strasbourg, França (2015)
- *Allegro Vivace*, Staatliche Kunsthalle Baden-Baden, Baden-Baden, Alemanha (2011)
- *The Eye of the Storm*, Solomon R. Guggenheim Museum, Nova York, EUA (2005)
- *Le Musée qui n'existait pas*, Le Centre Pompidou, Paris, França (2002)

exposições coletivas selecionadas

- *En Plein Air*, High Line Art, Nova York, EUA (2019)
- *La Collection (1), Highlights for a Future*, Stedelijk Museum voor Actuele Kunst (SMAK), Gent, Bélgica (2019)
- *Suspension – A History of Abstract Hanging Sculpture 1918-2018*, Palais d'Iéna, Paris, França (2018)
- *Pedra no céu – Arte e Arquitetura de Paulo Mendes da Rocha*, Museu Brasileiro de Escultura e Ecologia (MUBE), São Paulo, Brasil (2017)
- Documenta 7, Kassel, Alemanha (1982)
- Documenta 6, Kassel, Alemanha (1977)
- Documenta 5, Kassel, Alemanha (1972)

coleções selecionadas

- The Art Institute of Chicago (AIC), Chicago, EUA
- Donnaregina Contemporary Art Museum - Madre Museum, Nápoles, Itália
- Minneapolis Institute of Art, Minneapolis, EUA
- Musée national d'Art moderne (MNAM), Centre Pompidou, Paris, França
- Museum Moderner Kunst Stiftung Ludwig Wien, Viena, Áustria
- Museum of Modern Art (MoMA), Nova York, EUA
- The National Gallery of Modern Art, Roma, Itália
- National Museum of Modern Art, Tokyo, Japão
- Neues Museum Nuremberg, Nuremberg, Alemanha
- Tate Modern, Londres, Reino Unido

daniel senise





Daniel Senise
Sem título (Fundação Iberê), 2021
monotipia de parede de concreto
com tinta acrílica em tecido e medium
acrílico sobre alumínio
150 x 150 cm

daniel senise

n. 1955, Rio de Janeiro, Brasil, onde vive e trabalha

Daniel Senise é um dos representantes da chamada Geração 80, marcada pelo processo de retomada da pintura no Brasil. Desde o final da década de 1990, sua prática artística consiste no que pode ser descrito como "construção de imagens". O processo começa com a impressão de superfícies – como pisos de madeira ou paredes de concreto – sobre tecidos, à maneira de monotípias. Esse material serve de base para suas obras, seja como área a ser trabalhada ou como fragmento a ser colado sobre outra imagem, frequentemente, fotográfica.

Sua produção tem forte relação com o espaço, cujos restos são incorporados aos trabalhos, de modo que ele passa a ser apresentado não só como figuração, mas também como matéria exposta. Cerâmicas quebradas, barras de metal, pedaços de madeira, poeira, entre outros elementos encontrados, são fixados sobre as imagens, servindo como anteparos que dificultam com que ela seja vista e, ao mesmo tempo, ressaltam seu caráter de rastro. Cria-se um jogo entre a realidade da matéria e sua representação. Por outro lado, o tempo também se faz fundamental, sobrepondo cronologias, gestos e vivências, a partir das complexas relações entre permanência e desaparecimento.

exposições individuais selecionadas

- *Daniel Senise: Todos os santos*, Instituto Tomie Ohtake (ITO), São Paulo, Brasil (2019)
- *Antes da palavra*, Fundação Iberê Camargo (FIC), Porto Alegre, Brasil (2019)
- *Printed Matter*, Nara Roesler, Nova York, EUA (2017)
- *Quase aqui*, Oi Futuro Flamengo, Rio de Janeiro, Brasil (2015)
- *2892*, Casa França-Brasil, Rio de Janeiro, Brasil (2011)

exposições coletivas selecionadas

- *Anozero'19*, 3ª Bienal de Coimbra, Portugal (2019)
- *Modos de ver o Brasil: Itaú Cultural 30 anos*, Oca, São Paulo, Brasil (2017)
- *Os muitos e o um: Arte contemporânea brasileira*, Instituto Tomie Ohtake (ITO), São Paulo, Brasil (2016)
- *Las Américas Latinas — Las fatigas del querer*, Spazio Oberdan, Milão, Itália (2009)
- 44ª Biennale di Venezia, Itália (1990)

coleções selecionadas

- Centro de Arte Contemporâneo de Quito, Quito, Equador
- Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil
- Coleção João Sattamini – Museu de Arte Contemporânea de Niterói (MAC Niterói), Niterói, Brasil
- Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP), São Paulo, Brasil

elian almeida

TIME





Elian Almeida
Clementina de Jesus
(TIME), 2021
tinta acrílica sobre tela
100 x 90 x 4 cm

elian almeida

n. 1994, Rio de Janeiro, Brasil

vive e trabalha entre Rio de Janeiro, Brasil e Paris, França

Elian Almeida baseia sua prática na convergência de diferentes linguagens, como pintura, fotografia, vídeo e instalação, tornando-se expoente de uma nova geração de artistas produtores de objetos e imagens que reivindicam protagonismo para agentes e corpos usualmente marginalizados em nossa sociedade e na tradição da arte. Com uma abordagem decolonial, seu trabalho se debruça sobre a experiência e performatividade do corpo negro na sociedade contemporânea. Para isso, ele recupera elementos do passado, imagens, narrativas e personagens – oficiais e extra oficiais –, de modo a contribuir para o fortalecimento e divulgação da historiografia afro-brasileira.

Por um lado, sua pesquisa se debruça sobre biografias de personagens negras que tiveram sua importância apagada pela história, atribuindo-lhes a devida importância. Por outro, o artista volta-se para as violentas abordagens policiais de corpos racializados, revisitando as noções de privilégio, presentes na cultura e sociedade brasileira, assim como denunciando o mito da democracia racial. Em sua série *Vogue*, em que Almeida se apropria da identidade visual e da estética dessa famosa revista de moda para vincular corpos negros, vemos a convergência dessas diversas linhas de trabalho, levando-nos a questionar sobre os modos como esses sujeitos são representados e postos em circulação na cultura visual brasileira.

exposições individuais selecionadas

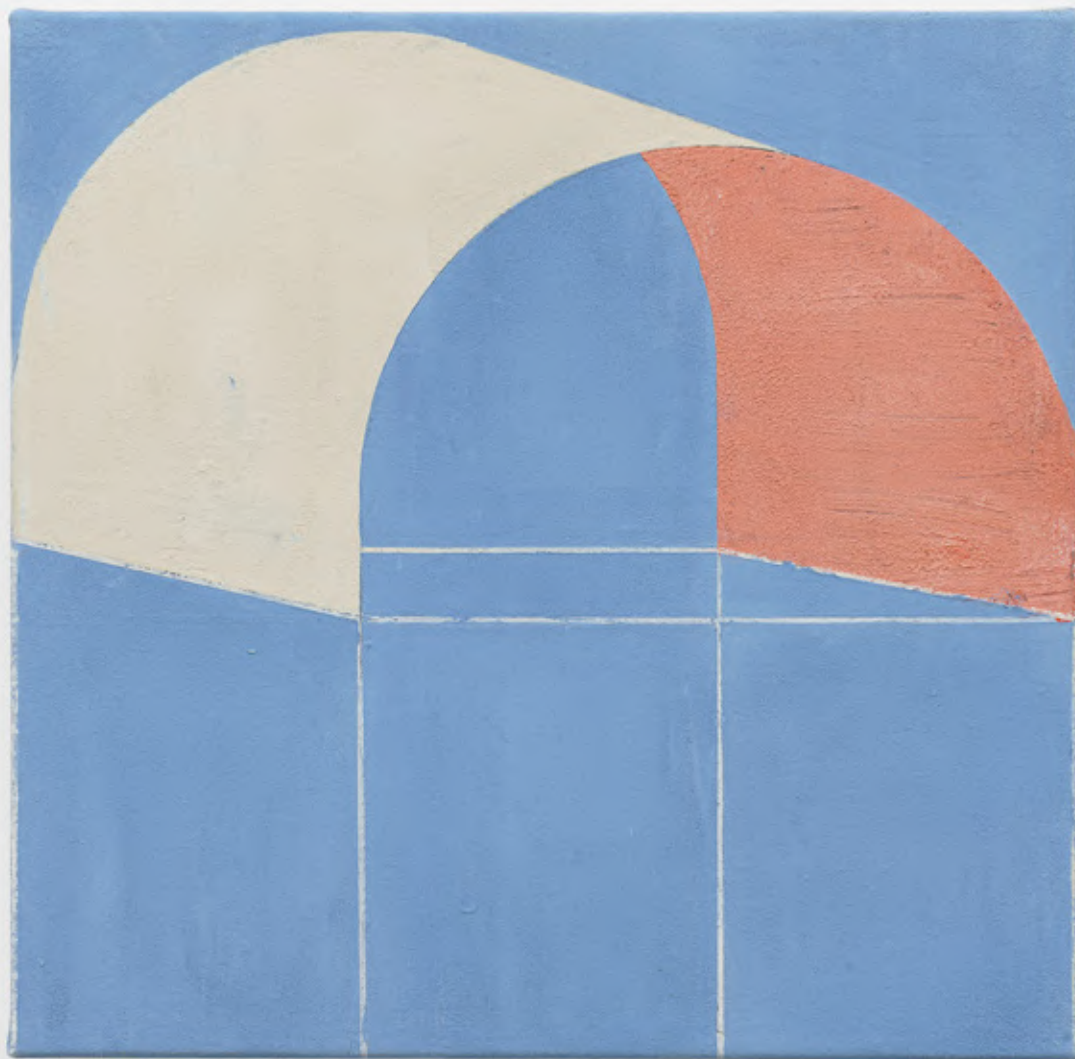
- *Antes – agora – o que há de vir*, Nara Roesler, Rio de Janeiro, Brasil (2021)

coleções selecionadas

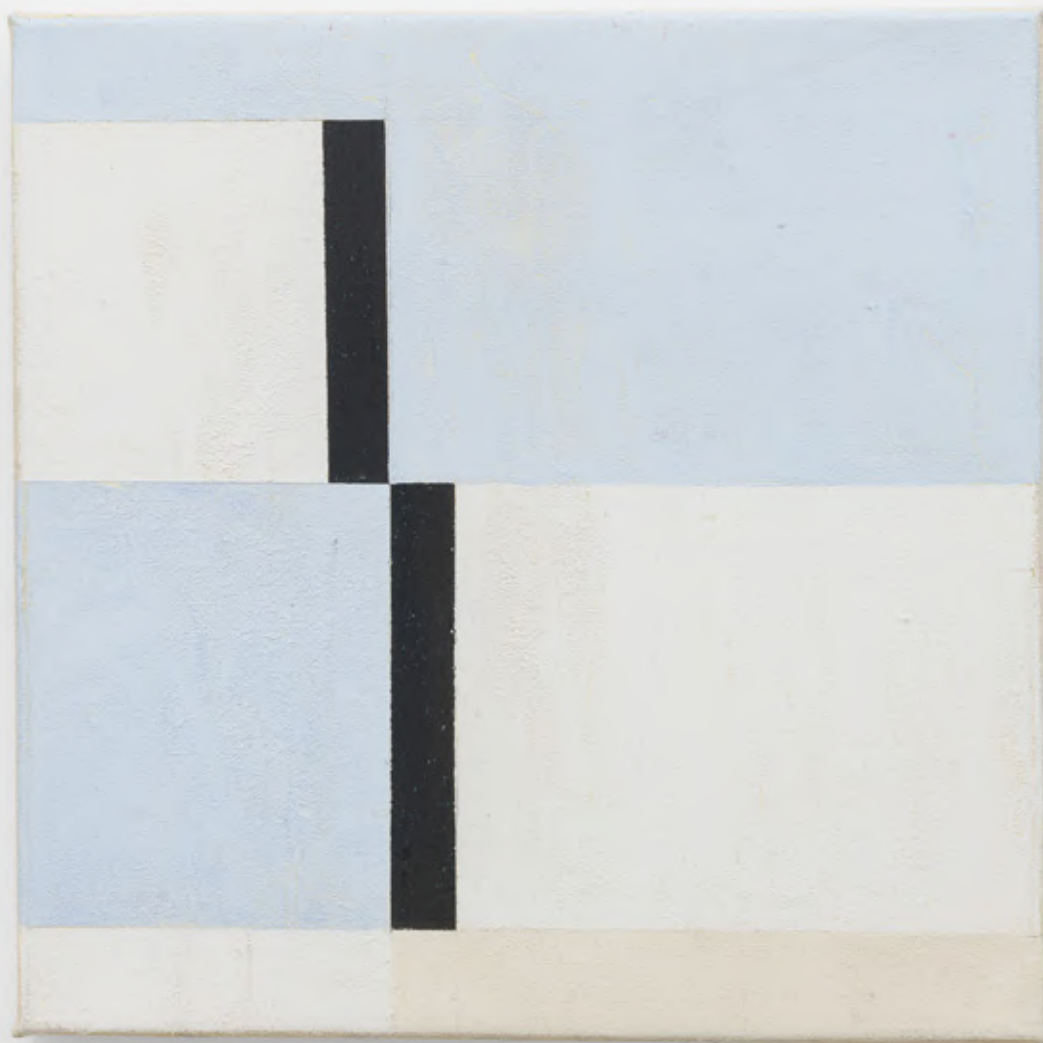
- *Enciclopédia negra*, Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil (2021)
- *Amanhã há de ser outro dia / Demains sera un autre jour*, Studio Iván Argote e Espacio Temporal, Paris, França (2020)
- *Esqueleto – 70 anos de UERJ*, Paço Imperial, Rio de Janeiro, Brasil, (2019)
- *Arte naïf – Nenhum museu a menos*, Escola de Artes Visuais do Parque Lage (EAV Parque Lage), Rio de Janeiro, Brasil (2019)
- *Mostra memórias da resistência*, Centro Municipal de Arte Hélio Oiticica (CMAHO), Rio de Janeiro, Brasil (2018)
- *Bela verão e Transnômade Opavivará*, Galpão Bela Maré, Rio de Janeiro, Brasil (2018)
- *Novas poéticas – Diálogos expandidos em arte contemporânea*, Museu do Futuro, Curitiba, Brasil (2016)

fabio miguez

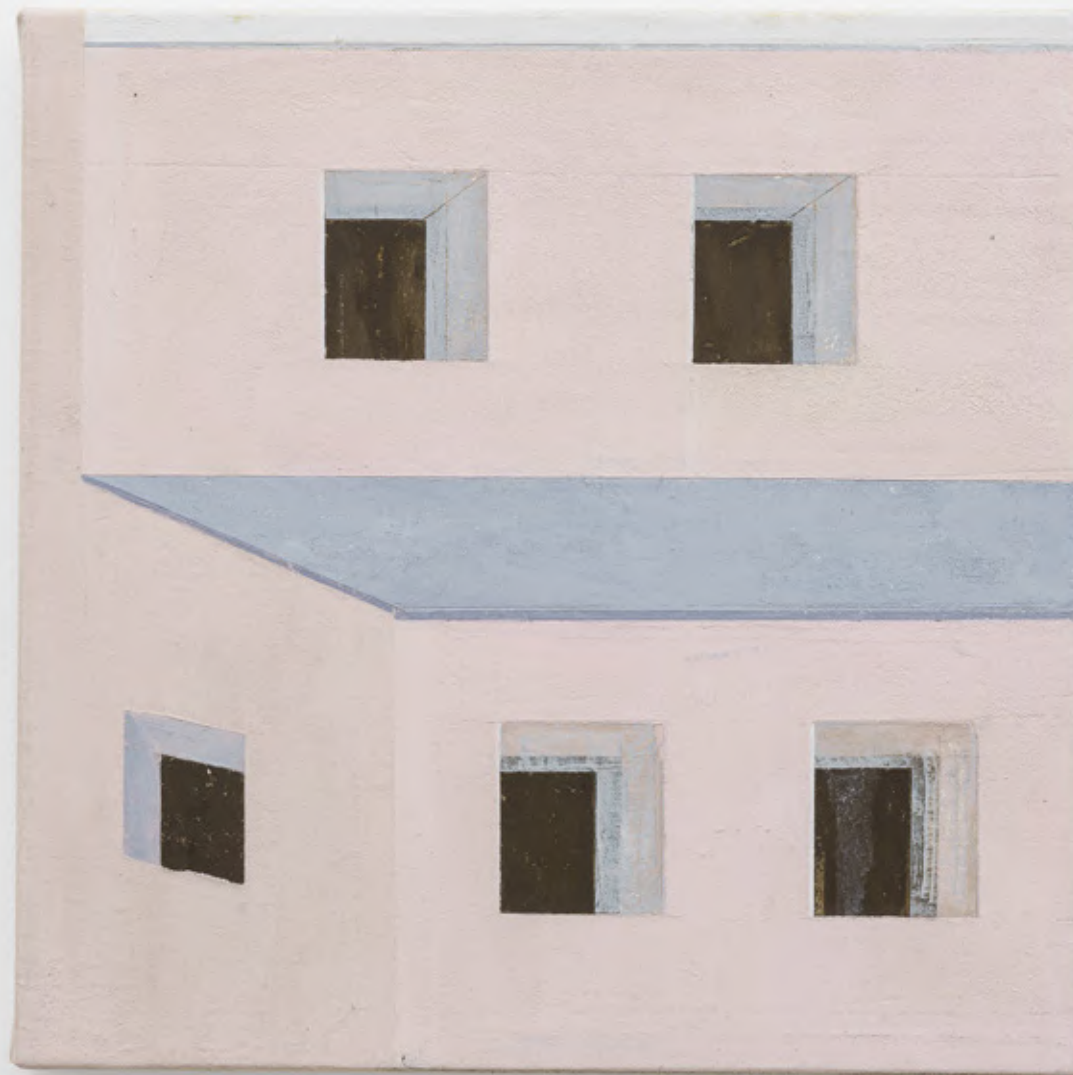




Fabio Miguez
Sem título, 2021
tinta óleo e cera sobre linho
30 x 30 x 2,5 cm



Fabio Miguez
Sem título, 2021
tinta óleo e cera sobre linho
30,2 x 30,5 x 2,5 cm



Fabio Miguez
Sem título, 2021
tinta óleo e cera sobre linho
30,3 x 30,7 x 2,3 cm

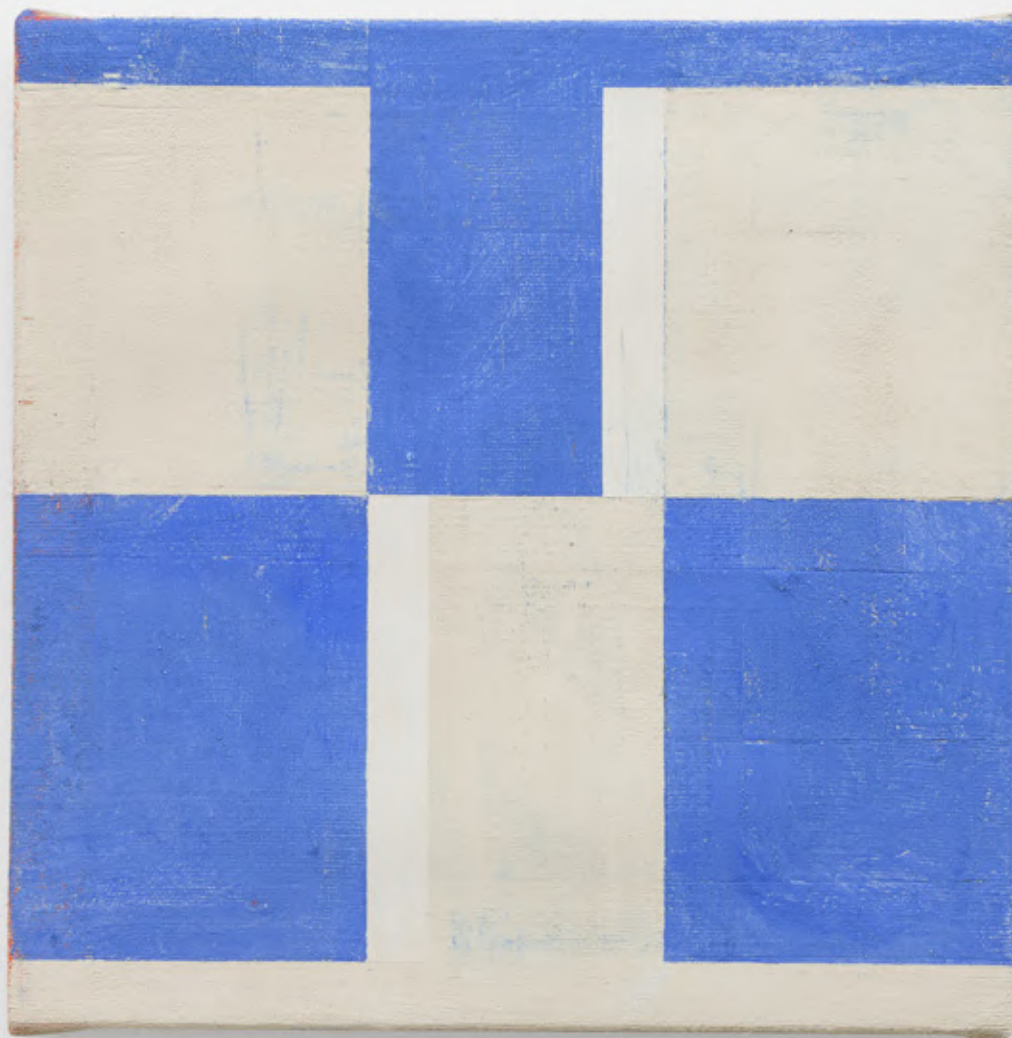




Fabio Miguez
Sem título, 2021
tinta óleo e cera sobre linho
30 x 30 x 2,5 cm



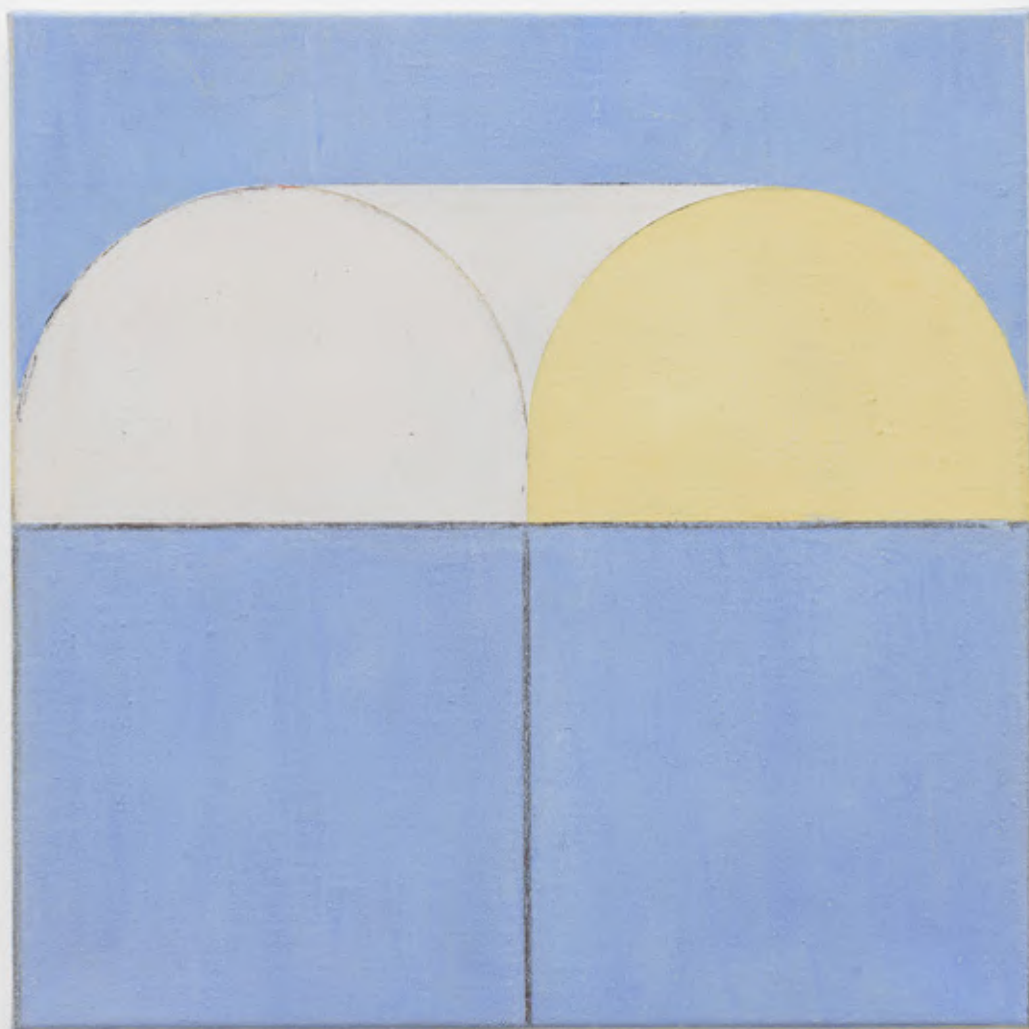
Fabio Miguez
Sem título, 2021
tinta óleo e cera sobre linho
30 x 30 x 2,5 cm



Fabio Miguez
Sem título, 2021
tinta óleo e cera sobre linho
30 x 30 x 2,5 cm



Fabio Miguez
Sem título, 2021
tinta óleo e cera sobre linho
30 x 30 x 2,5 cm



Fabio Miguez
Sem título, 2021
tinta óleo e cera sobre linho
30 x 30 x 2,5 cm



fábio miguez

n. 1962, São Paulo, Brasil, onde vive e trabalha

Fábio Miguez iniciou sua carreira na década de 1980, quando, ao lado de Carlito Carvalhosa, Nuno Ramos, Paulo Monteiro e Rodrigo Andrade, formou o ateliê Casa 7. Miguez dedicou-se inicialmente à pintura, assim como os outros membros do grupo. Durante os anos 1990, começou a produzir, simultaneamente a seu trabalho pictórico, a série de foto *Derivas*, que foram publicadas no livro *Paisagem Zero*, em 2013.

Nos anos 2000, Miguez passou a desenvolver também trabalhos de formulação tridimensional, como a instalação *Onde*, de 2006, uma série de valises produzidas desde 2007 e o objeto *Ping-pong*, de 2008, que expandem seu campo de pesquisa inicial — a pintura. Sua formação em arquitetura traz uma influência construtiva, que se alia a investigações sobre escala, matéria e figuração. O artista lida frequentemente com formas modulares a partir da lógica combinatória, empregando repetições e operações de inversão e espelhamento.

exposições individuais selecionadas

- *Fragmentos do real (atalhos)* – Fábio Miguez, Instituto Figueiredo Ferraz (IFF), Ribeirão Preto, Brasil (2018)
- *Horizonte, deserto, tecido, cimento*, Nara Roesler, Rio de Janeiro, Brasil (2016), e São Paulo, Brasil, (2015)
- *Paisagem zero*, Centro Universitário Maria Antonia, São Paulo, Brasil (2012)
- *Temas e variações*, Instituto Tomie Ohtake, São Paulo, Brasil (2008)
- *Fábio Miguez*, Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil (2003)

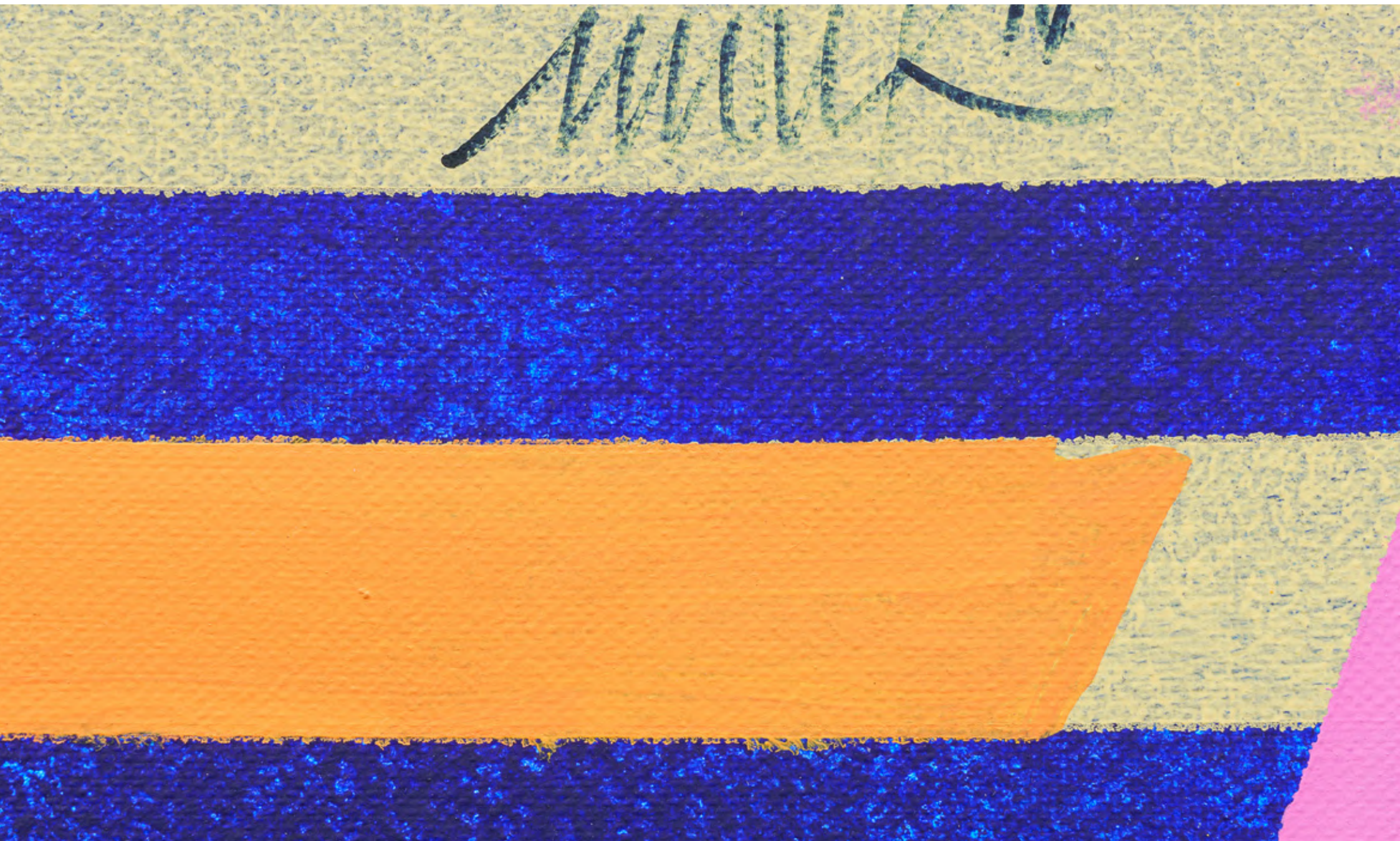
exposições coletivas selecionadas

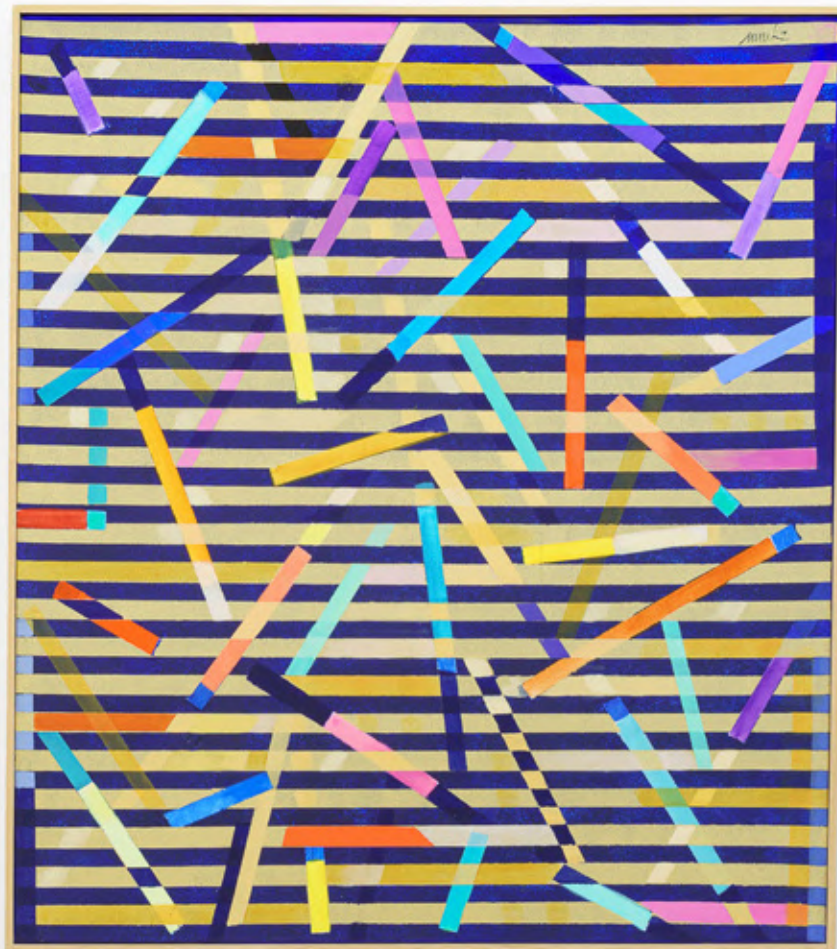
- *Coleções no MuBE: Dulce e João Carlos de Figueiredo Ferraz – Construções e geometrias*, no Museu de Ecologia e Escultura (MuBE), em São Paulo, Brasil (2019)
- *Oito décadas de abstração informal*, Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP), São Paulo, Brasil (2018)
- *Casa 7, Pivô*, Edifício Copan, São Paulo, Brasil (2015)
- 5ª Bienal do Mercosul, Porto Alegre, Brasil (2005)
- 2ª Bienal de La Habana, Cuba (1986)
- 20ª Bienal de São Paulo, São Paulo, Brasil (1989)
- 18ª Bienal de São Paulo, São Paulo, Brasil (1985)

coleções selecionadas

- Centro Cultural São Paulo (CCSP), São Paulo, Brasil
- Instituto Figueiredo Ferraz (IFF), Ribeirão Preto, Brasil
- Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM-Rio), Rio de Janeiro, Brasil
- Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP), São Paulo, Brasil
- Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil

heinz mack





Heinz Mack
Sem título (Chromatic Constellation), 2021
tinta acrílica sobre tela
151 x 133 x 7,5 cm



Heinz Mack
Sem título, 2021
alúminio, vidro ondulado,
aço inox e motor
38 x 38 x 14 cm

heinz mack

n. 1931, Lollar, Alemanha

vive e trabalha entre Mönchengladbach, Alemanha e Ibiza, Espanha

Ao longo da sua carreira, Heinz Mack tem desenvolvido uma prática ancorada nas investigações sobre a luz, a temporalidade e o movimento. Sua abordagem original pode ser vista em instalações, esculturas e trabalhos em papel.

Mack iniciou sua carreira na década de 1950, quando fundou, ao lado de Otto Piene, o Grupo ZERO (1957–1966), ao qual mais tarde viria se juntar Gunther Uecker, em 1961. O objetivo do coletivo estava em criar um espaço desprovido de estruturas prévias, um lugar silencioso no qual poderiam se originar novas possibilidades. Mack também manteve contato próximo com Yves Klein, com quem desenvolveu uma grande amizade que os levariam a colaborar em inúmeras ocasiões, e que seria responsável por lhe apresentar a Jean Tinguely, revelando um universo de experimentações que informaram sua própria busca pela pureza estética, pelo essencial. O próprio artista sintetiza: “O objetivo é alcançar a clareza pura, grandiosa e objetiva, livre da expressão romântica e arbitrariamente individual. Em meu trabalho eu exploro e busco fenômenos estruturais, cuja lógica estrita eu interrompo ou amplio por meio de intervenções aleatórias, ou seja, de eventos fortuitos.”

O trabalho de Heinz Mack caracteriza-se por estabelecer relações inovadoras com a luz. Tomando-a como matéria, ele identifica e explicita os modos como ela afeta e é afetada pelo movimento, pelo espaço e pela cor. Tendo esses preceitos como núcleo de sua prática, o artista tem desenvolvido de forma rigorosa e arguta um conjunto de obra multifacetado que continuamente aponta para novos horizontes na arte. Desde o início de sua carreira, Heinz Mack tem participado de grandes exposições internacionais, incluindo duas edições da Documenta de Kassel (1959 e 1964), chegando a representar a República Federal da Alemanha na 35ª Bienal de Veneza (1970). Mack também foi agraciado com vários prêmios, incluindo o Prêmio Marzotto (1963), o 1o Prix Arts Plastiques na 4ª Bienal de Paris (1965), e a Grã-Cruz ao Mérito com Estrela da República Federal da Alemanha (2011).

exposições individuais selecionadas

- *Taten Des Lichts: Mack & Goethe*, Goethe-Museum, Düsseldorf, Alemanha (2018)
- *Heinz Mack – From Time to Time. Painting and Sculpture, 1994–2016*, Palais SchönbornBatthyány, Viena, Áustria (2016)
- *Mack – Just Light and Color*, Sakip Sabanci Museum, Istambul, Turquia (2016)
- *Heinz Mack – The light of my colors*, Museum Ulm, Ulm, Alemanha (2015)
- *Mack – The Language of My Hand*, Museum Kunstpalast, Düsseldorf, Alemanha (2011)
- *Heinz Mack – Licht der ZERO-Zeit*, Ludwig Museum im Deutscherherrenhaus, Koblenz, Alemanha (2009)

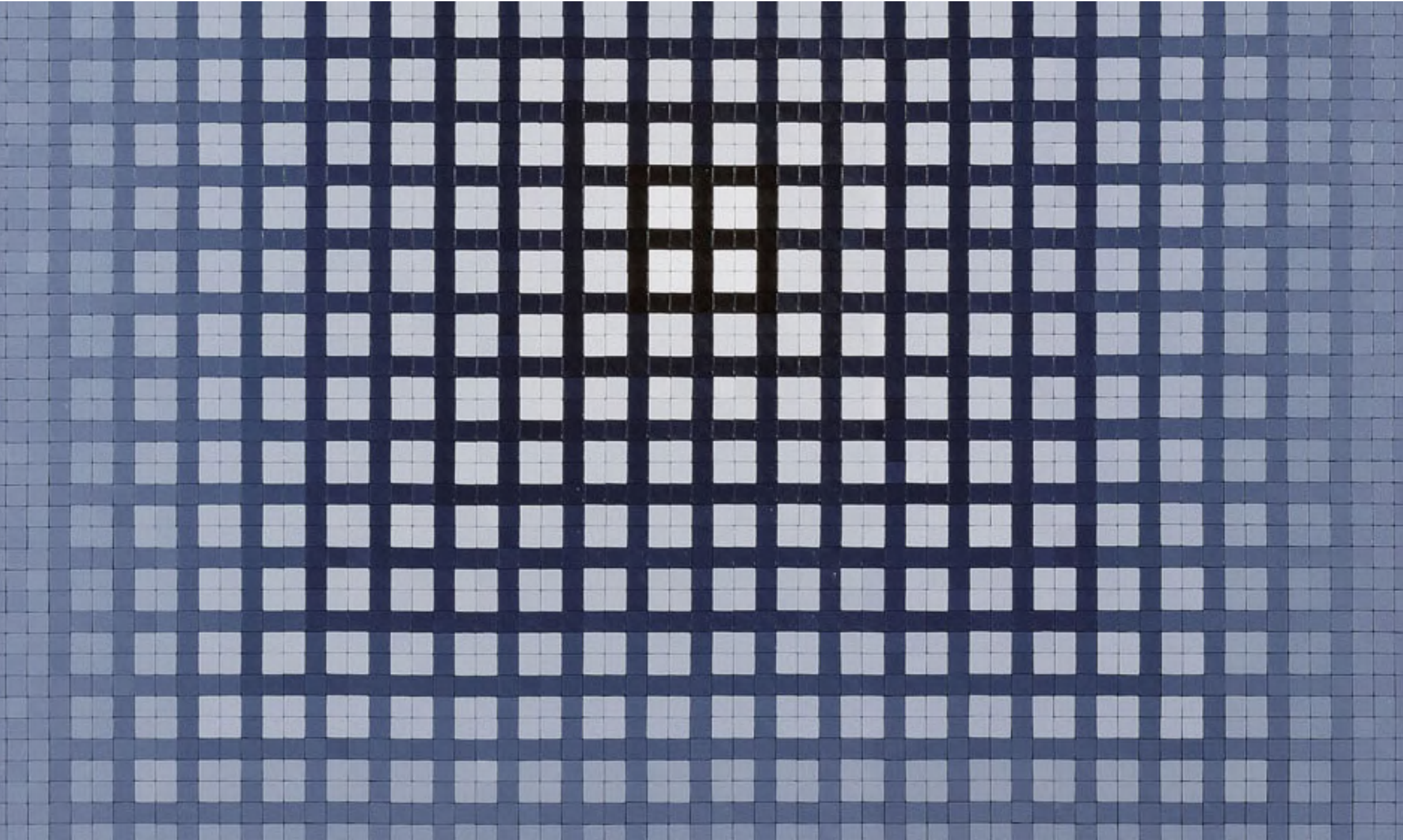
exposições coletivas selecionadas

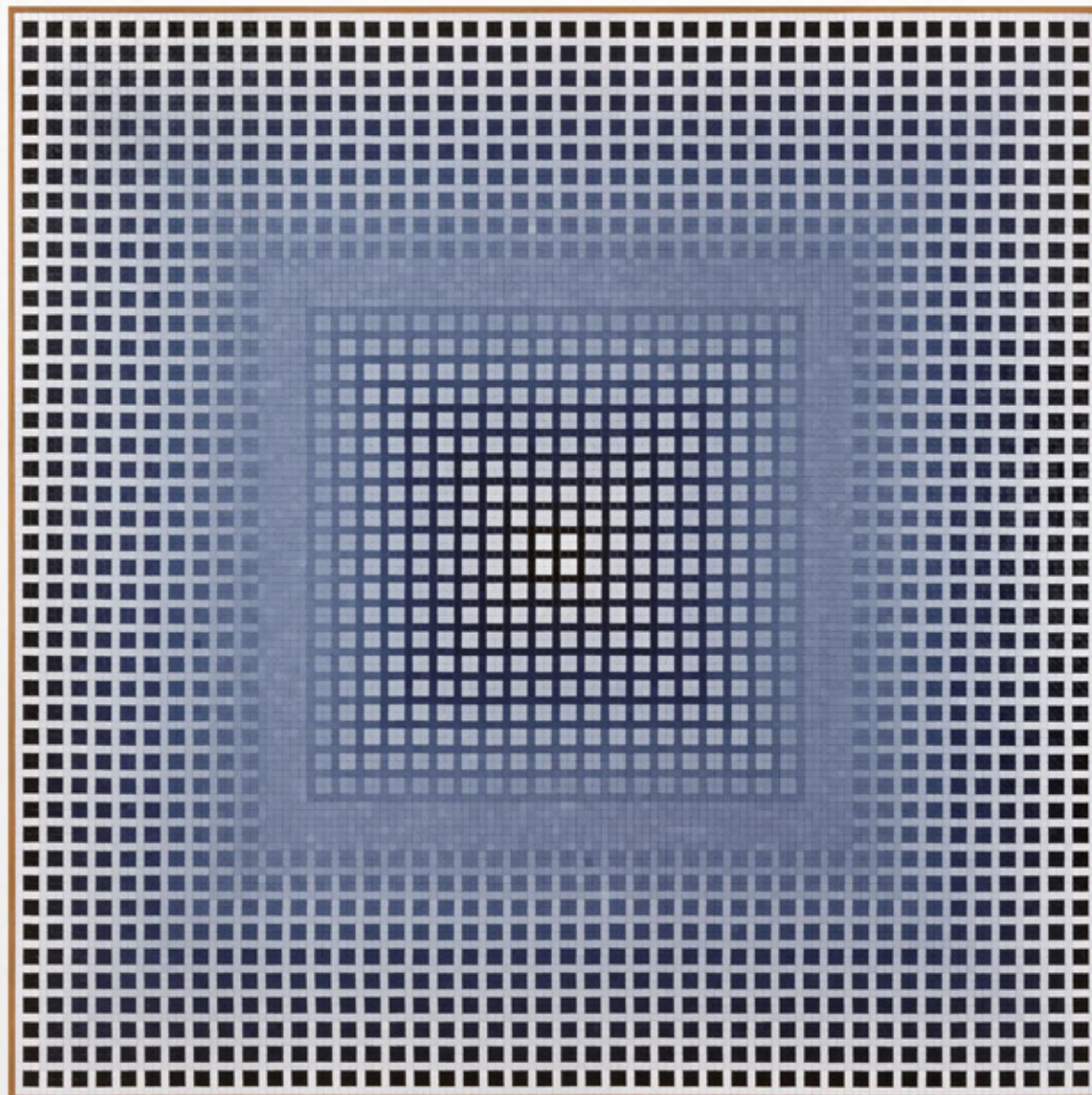
- *AThe Sky as Studio – Yves Klein and his contemporaries*, Centre Pompidou, Metz, França (2021)
- *Visual Play*, Wilhelm Hack Museum, Ludwigshafen, Alemanha (2018)
- *New Beginnings: Between Gesture and Geometry*, The Georgem Economou Collection, Atenas, Grécia (2016)
- *Facing the Future. Art in Europe, 1945–68*, Palais des Beaux Arts, Bruxelas, Bélgica (2016)
- *ZERO: Let Us Explore the Stars*, Stedelijk Museum, Amsterdam, Holanda (2015)
- *ZERO: Countdown to Tomorrow, 1950’s–60’s*, The Solomon R. Guggenheim Museum, Nova York, EUA (2015)
- 35th Venice Biennale, Veneza, Itália (1970)

coleções selecionadas

- Albright-Knox Art Gallery, Buffalo, EUA
- Centre Georges Pompidou, Paris, França
- Hirshhorn Museum and Sculpture Garden, Washington DC, EUA
- Museum of Modern Art (MoMA), Nova York, EUA
- Solomon R. Guggenheim Museum, Nova York, EUA
- Tate, Londres, Reino Unido

josé patrício





José Patrício
Tramas tonais III, 2020
peças de quebra-cabeças de
plástico sobre madeira
unique
190 x 190 x 4 cm

josé patrício

n. 1960, em Recife, Brasil, onde vive e trabalha

O trabalho de José Patrício se realiza na fronteira entre instalação e pintura, misturando esses gêneros. Sua prática parte do arranjo de objetos cotidianos, tais como dominós, dados e botões, a fim de criar padrões e imagens que podem ter caráter geométrico ou orgânico, ainda que não deixem de resguardar uma familiaridade enigmática com o cotidiano, tendo em vista a possibilidade de se reconhecer aqueles elementos nas composições. Patrício despontou no mundo da arte em 1999, quando criou uma instalação para o convento de São Francisco, em João Pessoa. Na ocasião, o artista utilizou dominós como elemento-chave para muitos dos seus trabalhos. Quando vistos de longe, os padrões observados ganham uma qualidade pictórica (dada sua configuração geral) que contrasta com a natureza gráfica individual de cada peça.

Sob a influência de importantes tendências e movimentos artísticos brasileiros, como a abstração geométrica e o concretismo, Patrício enfatiza o limite sutil entre a ordem e o caos e sugere que mesmo a mais rígida das fórmulas matemáticas possui uma potencial dimensão expressiva. Para o crítico e curador Paulo Sérgio Duarte, o procedimento de acumulação de Patrício nos leva a um “patamar diferente das questões colocadas pelo progresso da ciência e da técnica para a obra de arte. [...] Incorporado, como ponto de partida, o terreno da combinatória matemática, nos encontramos com a combinação das séries, reitero, infinitas nas suas possibilidades. O problema não é mais a reprodução do mesmo; trata-se, agora, de, a partir do mesmo, produzir infinitos outros.”

exposições individuais selecionadas

- *José Patrício: Algorithm in 'Object Recognition'*, Pearl Lam Galleries Hong Kong H'Queens (2018), Hong Kong, China
- *Precisão e acaso*, Museu Mineiro (2018), Belo Horizonte, e Museu Nacional de Brasília (MUN) (2018), Brasília, Brasil
- *Ponto zero*, Sesc Santo Amaro (2017), São Paulo, Brasil
- *Explosão Fixa*, Instituto Ling (2017), Porto Alegre, Brasil

exposições coletivas selecionadas

- *Ateliê de Gravura: da tradição à experimentação*, Fundação Iberê Camargo (FIC) (2019), Porto Alegre, Brasil
- *Géométries américaines, du Mexique à la Terre de Feu*, Fondation Cartier pour l'art contemporain (2018), Paris, França
- *Asas e Raízes*, Caixa Cultural (2015), Rio de Janeiro, Brasil
- 8ª Bienal de Havana, Cuba (2003)
- 22ª Bienal de São Paulo, Brasil (1994)

coleções selecionadas

- Fondation Cartier pour L'art contemporain, Paris, França
- Museu de Arte Moderna Aloisio Magalhães (MAMAM), Recife, Brasil
- Museu de Arte Moderna da Bahia (MAM-BA), Salvador, Brasil
- Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil

JR





JR
*28 Millimètres, Portrait d'une génération,
La Forestière, Réflexion # 2 sur porcelaine,
Clichy-sous-Bois, France, 2015*
impressão p&b sobre
porcelana feldspática dura
edição de 6 + 1 PA
61,5 x 39,5 cm



JR
The Chronicles of New York City,
Close up, Work in progress # 4, USA, 2018
impressão jato de tinta em relevo
e cartão cortado a laser
unique
70 x 140 x 7 cm

jr

n. 1983, Paris, França

vive e trabalha em Paris, França e Nova York, EUA

Após encontrar uma câmera fotográfica no metrô de Paris, em 2001, JR decidiu viajar pela Europa para conhecer aqueles indivíduos que se expressavam em muros e fachadas de prédios, fazendo seus retratos e os expondo nas ruas. Graças às suas grandes intervenções em espaços públicos, ele torna visível fenômenos e pessoas que costumamos ignorar. Os retratos que cria são radicalmente simples e trazem expressões questionadoras, penetrantes, observadoras e solenes, que chamam nossa atenção e permanecem na nossa consciência por muito tempo após terem sido vistas. Em colaboração com New York City Ballet, OSGemeos, Agnès Varda, Robert De Niro e muitos outros artistas, concebeu filmes, instalações, intervenções e outros trabalhos em diferentes meios.

Ao desenvolver seus projetos, JR se esforça para envolver as populações locais na realização de suas proposições. O artista chama a atenção do público, para além dos visitantes típicos de museus, ao espalhar seus trabalhos nos edifícios das periferias de Paris, nas paredes do Oriente Médio, nas pontes quebradas da África ou nas favelas do Brasil. Em cada um de seus projetos, ele atua como testemunha de uma comunidade em que os habitantes não apenas veem os trabalhos, eles também os fazem. Mulheres idosas tornam-se modelos por um dia e crianças transformam-se em artistas por uma semana. A prática de JR não separa atores de espectadores e promove o encontro entre o sujeito/protagonista e o transeunte/intérprete, levantando questões, criando vínculos sociais, reunindo comunidades e conscientizando pessoas.

exposições individuais selecionadas

- *JR: Chronicles*, Saatchi Gallery, Londres, Reino Unido (2021)
- *JR: Chronicles*, Brooklyn Museum, Nova York, EUA (2019)
- *Momentum. La Mécanique de l'Épreuve*, Maison Européenne de la Photographie, Paris, França (2018)
- *Chroniques de Clichy-Montfermeil*, Palais de Tokyo, Paris, França (2017)
- *Kikito*, fronteira México/EUA (2017)
- *JR at the Louvre*, Musée du Louvre, Paris, França (2016)

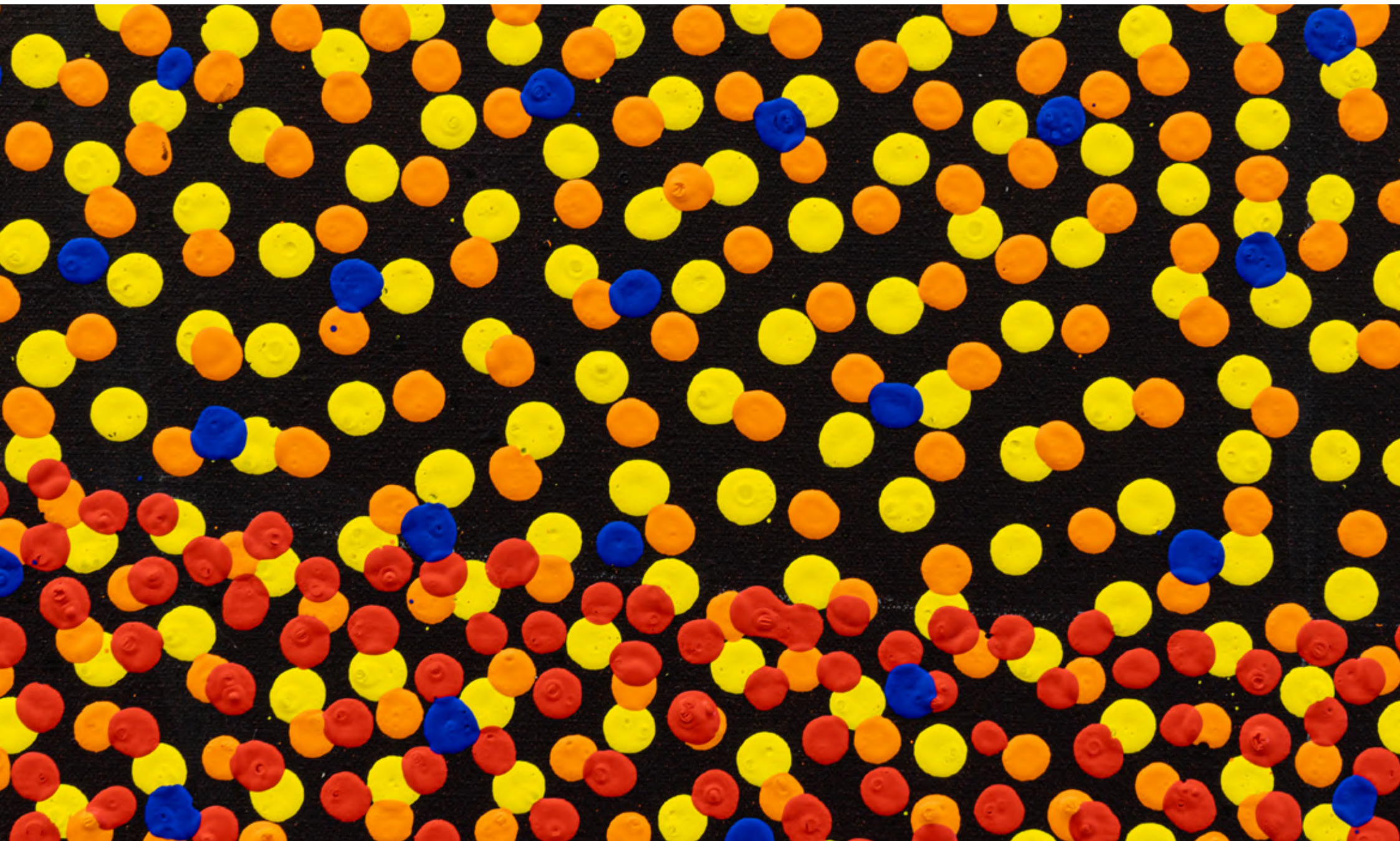
exposições coletivas selecionadas

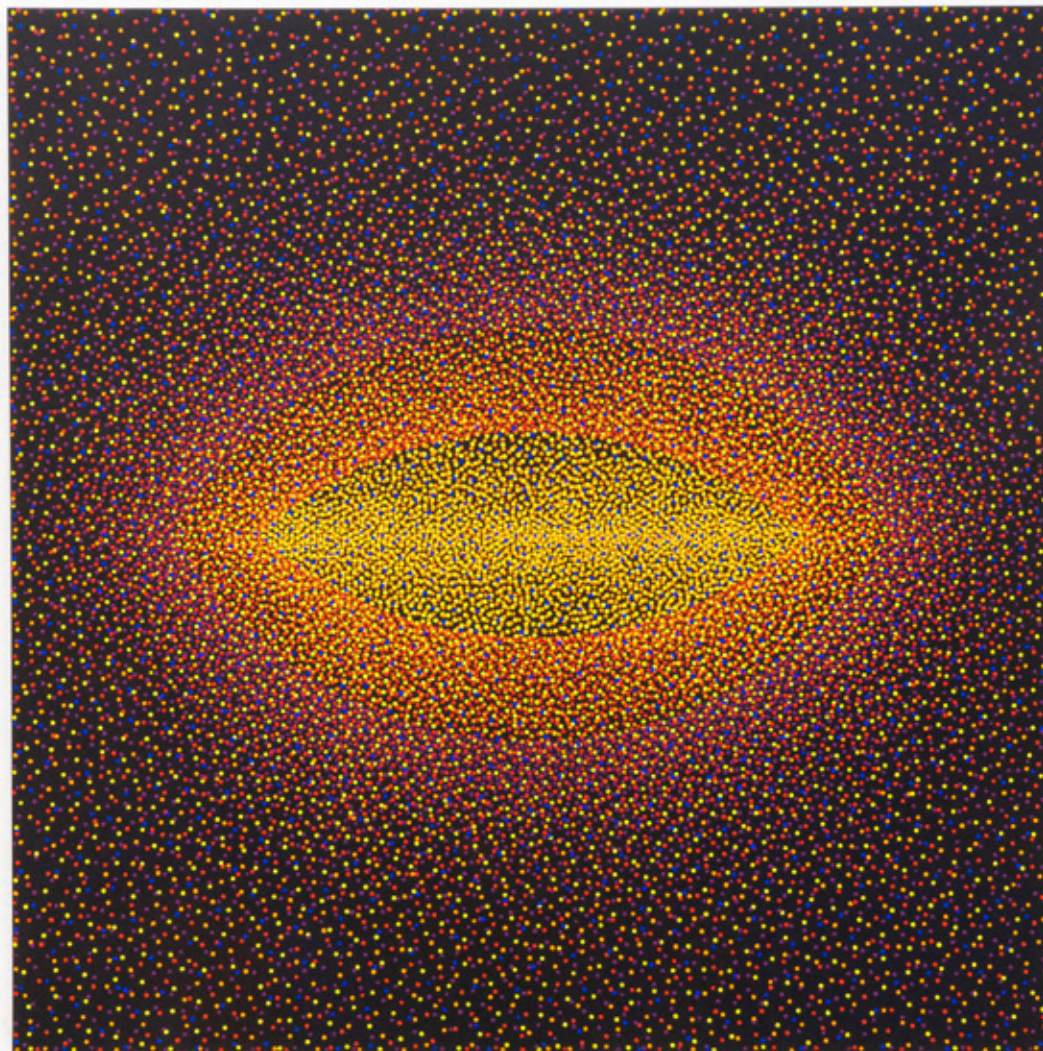
- *JR, Adrian Piper, Ray Johnson*, Museum Frieder Burda, Berlim, Alemanha (2019)
- *Refuge*, 21c Museum, Bentonville, EUA (2019)
- *Post No Bills: Public Walls as Studio and Source*, Neuberger Museum of Art, Purchase, EUA (2016)
- *Tu dois changer ta vie*, Tripostal, Lille, França (2015)

coleções selecionadas

- The Brooklyn Museum, Brooklyn, EUA
- Château La Coste, Aix-en-Provence, França
- Hong Kong Contemporary Art Foundation, Hong Kong
- Museum of Modern Art (MoMA), Nova York, EUA
- Palais de Tokyo, Paris, França
- San Francisco Museum of Modern Art, San Francisco, EUA

julio le parc





Julio Le Parc
Alchimie 432, 2018
tinta acrílica sobre tela
200 x 200 cm

julio le parc

n. 1928, Mendoza, Argentina

vive e trabalha em Cachan, France

Julio Le Parc é reconhecido internacionalmente como um dos principais nomes da arte óptica e cinética. Ao longo de seis décadas, ele realizou experiências inovadoras com luz, movimento e cor, buscando promover novas relações entre arte e sociedade a partir de uma perspectiva utópica. Suas telas, esculturas e instalações abordam questões relativas aos limites da pintura a partir de procedimentos que se aproximam da tradição pictórica na história da arte, como o uso de acrílico sobre tela, ao mesmo tempo que investigam potencialidades cinéticas em *assemblages*, instalações e aparelhos maquínicos que exploram o movimento real e a atuação da luz no espaço.

Pioneiro do gênero óptico e cinético, Julio Le Parc foi co-fundador do Groupe de Recherche d'Art Visuel (1960–68), coletivo de artistas que se propunha a incentivar a interação do público com a obra, a fim de aprimorar suas capacidades de percepção e ação. De acordo com essas premissas, somadas à aspiração, bastante disseminada na época, de uma arte desmaterializada, indiferente às demandas do mercado, o grupo se apresentava em locais alternativos e até na rua. As obras e instalações de Julio Le Parc, feitas com nada além da interação entre luz e sombra, são resultado direto desse contexto, no qual a produção de uma arte fugaz e não vendável assumia claro tom sociopolítico.

exposições individuais selecionadas

- *Julio Le Parc: Un Visionario*, Centro Cultural Néstor Kirchner, Buenos Aires, Argentina (2019)
- *Julio Le Parc 1959*, The Metropolitan Museum of Art (The Met Breuer), Nova York, EUA (2018)
- *Julio Le Parc: da forma à ação*, Instituto Tomie Ohtake (ITO), São Paulo, Brasil (2017)
- *Julio Le Parc: Form into Action*, Perez Art Museum, Miami, EUA (2016)

exposições coletivas selecionadas

- *Action <-> Reaction: 100 Years of Kinetic Art*, Kunsthall Rotterdam, Rotterdam, Países Baixos (2018)
- *The Other Trans-Atlantic: Kinetic & Op Art in Central & Eastern Europe and Latin America 1950s–1970s*, Garage Museum of Contemporary Art, Moscou, Rússia (2018); Sesc Pinheiros, São Paulo, Brasil (2018); Museum of Modern Art, Varsóvia, Polônia (2017)
- *Kinesthesia: Latin American Kinetic Art, 1954-1969, II Pacific Standard Time: LA/LA (II PST: LA/LA)*, Palm Springs Art Museum (PSAM), Palm Springs, EUA (2017)
- *Retrospect: Kinetika 1967*, Belvedere Museum, Viena, Áustria (2016)
- *The Illusive Eye*, El Museo del Barrio, Nova York, EUA (2016)

coleções selecionadas

- Cisneros Fontanals Art Foundation, Miami, EUA
- Daros Collection, Zurique, Suíça
- Los Angeles County Museum of Art, Los Angeles, EUA
- Musée d'Art Moderne de la Ville de Paris, Paris, França
- The Museum of Modern Art (MoMA), Nova York, EUA

karin lambrecht





Karin Lambrecht
Vazios, 2008
meio acrílico sobre lona
136 x 255 cm

karin lambrecht

n. 1957, Porto Alegre, Brasil

vive e trabalha em Broadstairs, Reino Unido

Toda a produção de Karin Lambrecht em pintura, desenho, gravura e escultura demonstra uma multifacetada preocupação com as relações entre arte e vida, compreendida em sentido abrangente: trata-se de vida natural, vida cultural e vida interior. Para o pesquisador Miguel Chaia, os processos técnico e intelectual de Lambrecht se inter-relacionam e se mantêm evidentes nas obras para criar uma “visualidade espalhada na superfície e direcionada para a exterioridade”. Seu trabalho é ação que funde corpo e pensamento, vida e finitude.

No início da carreira, Lambrecht repensou a tela e a forma de pintar, em alguns trabalhos ela elimina o chassi, costura tecidos, e usa retalhos chamuscados. A abstração gestual, característica da “Geração 80”, da qual fez parte, possui papel central em seus trabalhos. Sua prática expande a noção tradicional de pintura e estabelece diálogos entre arte povera e Joseph Beuys, entre aspectos políticos, mas também materiais. Os volumes pesam como corpos, as delimitações ou negações do espaço dialogam com a escala que seus trabalhos assumem. A partir da década de 1990, a artista inclui materiais orgânicos em suas telas, como terra e sangue, o que determinou, em alguma medida, o repertório cromático que aparece então. Além do sangue animal, são elementos recorrentes em seu trabalho as formas cruciformes e as referências ao corpo, índices de diferentes níveis de identificação do espectador com a obra.

exposições individuais selecionadas

- *Karin Lambrecht – Entre nós uma passagem*, Instituto Tomie Ohtake (ITO), São Paulo, Brasil (2018)
- *Karin Lambrecht – Assim assim*, Oi Futuro, Rio de Janeiro, Brasil (2017)
- *Nem eu, nem tu: Nós*, Espaço Cultural Santander, Porto Alegre, Brasil (2017)
- *Pintura e desenho*, Instituto Ling, Porto Alegre, Brasil (2015)

exposições coletivas selecionadas

- *Alegria – A natureza-morta nas coleções MAM Rio*, Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil (2019)
- *O espírito de cada época*, Instituto Figueiredo Ferraz (IFF), Ribeirão Preto, Brasil (2015).
- 25ª Bienal de São Paulo, São Paulo, Brasil (2002)
- *Violência e Paixão*, Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brazil; Santander Cultural, Porto Alegre, Brasil (2002)
- 4ª Bienal de Habana, Havana, Cuba (1992)
- 19ª Bienal de Sao Paulo, Sao Paulo, Brasil (1987)

coleções selecionadas

- Fundação Patrícia Phelps de Cisneros, Nova York, EUA
- Ludwig Forum fur Internationale Kunst, Aachen, Alemanha
- Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil
- Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil

lucia koch





Lucia Koch
Goods, 2020
impressão de pigmento em papel
de algodão, laminado UV fosco
edição de 6 + PA
110 x 190 cm



Lucia Koch

n. 1966, Porto Alegre, Brasil

vive e trabalha em São Paulo, Brasil

Lucia Koch nasceu em 1966, em Porto Alegre, atualmente vive e trabalha em São Paulo. Instalações, fotografias e vídeos são alguns dos diversos meios escolhidos pela artista para investigar questões relativas ao espaço, propondo novas relações de escala, ocupação e materialidade. Koch instaura um profundo diálogo com a arquitetura tanto pelo modo como seu trabalho se insere em um local, respeitando suas especificidades físicas e/ou históricas, quanto ao criar espaços imaginários a partir de objetos banais, provocando e reorientando a percepção.

Segundo o crítico e curador Moacir dos Anjos, a artista “reorganiza a compreensão visual de espaços [...] e estabelece um sentido público para o trabalho, seja pela negociação envolvida em seu processo, seja pelo desconcertante efeito que causa”. Desde 2001, Koch fotografa interiores de caixas e embalagens vazias, que sugerem extensões virtuais dos locais onde se instalam. Esse conjunto crescente de imagens indaga o que transforma o espaço em lugar e cada vez mais se aproxima de uma pesquisa pouco ortodoxa no campo da arquitetura. Por outro lado, a partir de filtros de luz, tecidos e outros materiais, ela joga com a iluminação e seus efeitos cromáticos, sempre tensionando as relações entre o dentro e o fora, a transparência e a opacidade na criação de atmosferas únicas e sensíveis.

exposições individuais selecionadas

- *Casa de vento*, Casa de Vidro, São Paulo, Brasil (2019)
- *La temperatura del aire*, Fundación Caja de Burgos, Burgos, Espanha (2015)
- *Mañana, montaña, ciudad y Brotaciones*, Flora ars + natura, Bogotá, Colômbia (2014)
- *Cromoteísmo*, Capela do Morumbi, São Paulo, Brasil (2012)
- *Correções de luz*, Centro Universitário Maria Antonia, São Paulo, Brasil (2007)

exposições coletivas selecionadas

- 1st Bienal de Rabat, Rabat, Marrocos (2019)
- *Fiction and Fabrication. Photography of Architecture after the Digital Turn*, Museu de Arte, Arquitetura e Tecnologia, Lisboa, Portugal (2019)
- *Brasil, beleza?!*, Museum Beelden Aan Zee, Haia, Países Baixos (2016)
- 11^a e 13^a Bienal de Lyon, Lyon, França (2011 e 2015)
- *When Lives Become Form*, Yerba Buena Center For Arts, São Francisco, EUA (2009); Contemporary Art Museum, Tóquio, Japão (2008)

coleções selecionadas

- Musée d'Art Contemporain de Lyon, Lyon, França
- Museu de Arte do Rio (MAR), Rio de Janeiro, Brasil
- Museum of Contemporary Art San Diego, San Diego, EUA
- The J. Paul Getty Museum, Malibu, EUA
- Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil

marco a. castillo





Marco A. Castillo
From the Lam series (Katalox # 01), 2021
madeira katalox e vime
162 x 77 x 20 cm

marco a. castillo

n. 1971, Havana, Cuba

vive e trabalha em Havana, Cuba e Madrid, Espanha

O cubano Marco Castillo é um dos membros fundadores do coletivo Los Carpinteros, criado em Havana, em 1992. O grupo tinha como preceitos a renúncia à autoria individual e a prática baseada na junção de elementos e formas da arquitetura, do design e da arte. Seus desenhos e instalações partem da observação de elementos materiais do nosso cotidiano. Esses aspectos são reelaborados para explorar a relação entre o funcional e o não funcional, assim como a relação entre arte e sociedade.

Em consonância com o movimento global de revisionismo histórico, Castillo reflete sobre o processo de modernização de Cuba durante as décadas de 1960 e 1970, fazendo referência a influentes artistas, arquitetos e designers cubanos. As esculturas e os trabalhos em papel de seu mais recente projeto combinam elementos do design moderno e do realismo socialista do período soviético a técnicas e materiais cubanos tradicionais – incluindo a madeira de mogno e a treliça de palha, além do desenho gráfico daquelas épocas.

Recentemente, o artista tem concentrado seu trabalho em reinterpretar obras de figuras-chave daquilo que chama de “geração esquecida”, como Gonzalo Córdoba, María Victoria Caignet, Rodolfo Fernández Suárez (Fofi), Joaquín Galván e Walter Betancourt. Assumindo um ponto de vista político, Castillo busca seguir a trilha deixada por esses artistas históricos, ao mesmo tempo que se afirma enquanto defensor e propagador da herança artística cubana.

exposições individuais selecionadas

- *The Decorator's Home*, UTA Artist Space, Los Angeles, EUA (2019)
- *El susurro del palmar*, Galerie Peter Kilchmann, Zurique, Suíça (2018)
- *La cosa está candela*, Museo de Arte Miguel Urrutia, Bogotá, Colômbia (2017)
- *Los Carpinteros*, Museo de Arte Contemporáneo de Monterrey, México (2015)
- *Los Carpinteros*, Parasol Unit Foundation for Contemporary Art, Londres, Reino Unido (2015)
- *Los Carpinteros*, Faena Art Center, Buenos Aires, Argentina (2012)
- *Ciudad Transportable*, Los Angeles County Museum of Art, Los Angeles, EUA (2001)
- *Los Carpinteros*, San Francisco Art Institute, San Francisco, EUA (2001)

exposições coletivas selecionadas

- *Everyday Poetics*, Seattle Art Museum, Seattle, EUA (2017)
- *Adiós Utopia: Dreams and Deceptions in Cuban Art Since 1950*, Walker Art Center, Minneapolis, EUA; Museum of Fine Arts, Houston, EUA (2017)
- *Alchemy: Transformations in Gold*, Des Moines Art Center, Des Moines, EUA (2017)
- *Contingent Beauty: Contemporary Art from Latin America*, Museum of Fine Arts, Houston, EUA (2015)
- *The Kaleidoscopic Eye: Thyssen-Bornemisza Art Contemporary Collection*, Mori Art Museum, Tóquio, Japão (2009)
- Havana Biennial, Havana, Cuba (2019, 2015, 2012, 2006, 2000, 1994, 1991)
- 13ª Sharjah Biennial, Beirute, Líbano (2017)
- 25ª Bienal de São Paulo, São Paulo, Brasil (2002)

coleções selecionadas

- Centre Georges Pompidou, Paris, França
- Centro de Arte Contemporáneo Reina Sofía, Madrid, Espanha
- Daros Foundation, Zurique, Suíça
- Solomon R. Guggenheim Museum, Nova York, EUA
- Tate Modern, Londres, Reino Unido
- Whitney Museum of American Art, Nova York, EUA

marco maggi





Marco Maggi

This message has no content, 2016
adesivos sobre cartão museológico
sobre dibond
150 x 100 x 6 cm



marco maggi

n. 1957, Montevideo, Uruguai
vive e trabalha em Nova York, EUA

A presença do papel e o caráter intimista são duas constantes na produção de Marco Maggi, mesmo em suas grandes instalações. Desde a consolidação de sua carreira, na década de 1990, ele estimula o espectador, de forma espirituosa e delicada, a diminuir o ritmo cotidiano e observar com vagar, prestar atenção e se aprofundar em suas obras, na vida ao seu redor e na sociedade em que se vive. Nas palavras do curador Adriano Pedrosa, o artista “finca trincheiras no embate com a velocidade”.

Na série *The Ted Turner Collection – from CNN to the DNA*, Maggi demonstra senso crítico apurado, usando reproduções de obras de artistas como Gerhard Richter, Andy Warhol e Hélio Oiticica para comentar a condição midiática da vida atual. Pilhas de papel em branco cobrem reproduções e, filetadas com precisão, criam relevos e aberturas que revelam traços da imagem oculta, formando uma grande paisagem branca com pequenas aberturas de cor. Suas instalações também fazem uso do papel, mas as numerosas pilhas, à distância, não revelam sua natureza; é preciso se aproximar, ter certa intimidade com as obras, dedicar-lhes algum tempo para descobrir o que revelam.

exposições individuais selecionadas

- *O papel é inocente*, Museu Brasileiro de Escultura e Ecologia (MuBE), São Paulo, Brasil (2018)
- *Putin's Pencils*, Sicardi Gallery, Houston, EUA (2017)
- *Piano Piano*, Espacio Monitor, Caracas, Venezuela (2016)
- *Drawing Attention*, Kemper Museum of Contemporary Art, Kansas, EUA (2015)

exposições coletivas selecionadas

- *Art_Latin_America: Against the Survey*, Davis Museum at Wellesley College, Wellesley, EUA (2019)
- *Latinoamérica: volver al futuro*, Museo de Arte Contemporáneo de Buenos Aires (MACBA), Buenos Aires, Argentina (2018)
- *Tension and Dynamism*, Atchugarry Art Center, Miami, EUA (2018)
- *Paper into Sculpture*, Nasher Sculpture Center, Dallas, EUA (2017)
- 8ª Bienal de Havana, Cuba (2003)
- 25ª Bienal de São Paulo, Brasil (2002)

coleções selecionadas

- Cisneros-Fontanals Foundation (CIFO), Miami, EUA
- Daros Foundation, Zurique, Suíça
- Drawing Center, Nova York, EUA
- Solomon R. Guggenheim Museum, Nova York, EUA
- Museum of Modern Art (MoMA), Nova York, EUA

marcos chaves





Marcos Chaves
Tuo-out, 2004/2021
backlight
edição de 3 + 2 PA
80 x 200 cm

marcos chaves

n. 1961, Rio de Janeiro, Brasil, onde vive e trabalha

Apesar de ter iniciado sua carreira na primeira metade dos anos 1980 (quando a pintura ocupava lugar central na prática artística), é na utilização de diversas mídias que Marcos Chaves encontra uma das marcas de sua obra, que transita livremente entre a produção de objetos, esculturas, instalações, fotografias, vídeos, palavras e sons. Essa variedade realiza-se em consonância com seu trabalho profundamente crítico e que, não obstante a coerência, permanece aberto a interpretações, especialmente em função da marcada presença de humor e ironia.

Em sua obra, é frequente a apropriação de pequenos elementos ou cenas da vida cotidiana, que evidenciam, de maneira direta, ou a partir de pequenas intervenções, o caráter extraordinário que pode habitar no prosaico. Sua produção se insere, de maneira renovada, na longa tradição de artistas que tensionam a relação entre imagem e linguagem ao propor, por exemplo, títulos sutilmente ambíguos e divertidos, que conduzem a uma reflexão bem-humorada sobre a sociedade e a cultura.

exposições individuais selecionadas

- *Marcos Chaves: As imagens que nos contam*, Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil
- *Marcos Chaves no MAR*, Museu de Arte do Rio (MAR), Rio de Janeiro, Brasil (2019)
- *Eu só vendo a vista*, Museu de Arte Contemporânea de Niterói (MAC-Niterói), Rio de Janeiro, Brasil (2017)
- *Marcos Chaves*, Carpe Diem Arte e Pesquisa, Lisboa, Portugal (2016)
- *Marcos Chaves – ARBOLABOR*, Centro de Arte de Caja de Burgos (CAB), Burgos, Espanha (2015)

exposições coletivas selecionadas

- *Alegria – A natureza-morta nas coleções MAM Rio*, Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil (2019)
- *Inside the Collection – Approaching Thirty Years of the Centro Pecci (1988–2018)*, Centro per l'Arte Contemporanea Luigi Pecci, Prato, Itália (2018)
- *Troposphere – Chinese and Brazilian Contemporary Art*, Beijing Minsheng Art Museum, Pequim, China (2017)
- *Brasil, Beleza?! Contemporary Brazilian Sculpture*, Museum Beelden aan Zee, Haia, Países Baixos (2016)
- 17ª Bienal de Cerveira, Portugal (2013)
- 54ª Venice Biennale, Itália (2011)

coleções selecionadas

- Centro de Arte de Caja de Burgos (CAB), Burgos, Espanha
- Instituto Itaú Cultural, São Paulo, Brasil
- Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM-Rio), Rio de Janeiro, Brasil
- The Ella Fontanals-Cisneros Collection, Miami, EUA

maria klabin





Maria Klabin
José, 2021
tinta óleo sobre tela
92 x 65 cm

maria klabin

n. 1978, Rio de Janeiro, Brasil, onde vive e trabalha

A obra de Maria Klabin envolve cenas, ocorrências e paisagens permeadas pelo cotidiano e, portanto, vistas e vivenciadas de forma exaustiva. Ao lidar com elementos onipresentes, Klabin extrai a cadência de sua recorrência, buscando captar o ritmo formal embutido na repetição, ou banalidade, de sua experiência. O processo da artista consiste em produzir e reunir constantemente desenhos, fotografias e anotações que ela extrai de seu entorno. O acúmulo de pensamentos e imagens se entrelaçam e integram um sentido unitário, desvelando as intrigantes relações que constituem o centro das investigações pictóricas da artista. Em suas próprias palavras, Klabin desenvolve seu trabalho “como se estivesse escrevendo uma história, ou um diário, mas um diário de coisas que não aconteceram realmente. É uma narrativa que pode ser contada apenas através da pintura, mas que aborda temas que parecem mais familiares para escritores do que para pintores.”

Maria Klabin oscila entre extremos no que diz respeito a escala de seus trabalhos, produzindo pinturas ora pequenas, ora monumentais, a depender da natureza do tema abordado. Suas telas em reduzidas dimensões costumam servir de suporte para os fluxos rápidos de pensamento – como anotações em papel, que possivelmente tomam proveito do seu inconsciente – e capturam, efetivamente, o ritmo de seu entorno. Suas pinturas em grande formato, por sua vez, incorporam percepções de cunho mais contemplativo e onírico. Recentemente, Klabin produziu uma série de pinturas de paisagens que se aproximam da escala do mural, partindo de fragmentos de elementos autobiográficos, destilados do que ela descreve como uma improvável e fluida colcha de retalhos da memória, o que resulta em composições não atraentes e assustadoras que escapam a objetividade.

exposições individuais selecionadas

- *Entre Rio e Pedra*, Galeria Silvia Cintra, Rio de Janeiro, Brasil (2017)
- *E o dia havia acabado, quando começou*, Galeria Silvia Cintra, Rio de Janeiro, Brasil (2014)

exposições coletivas selecionadas

- *In Waiting: Works Produced in Isolation*, Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2020)
- *Já estava assim quando eu cheguei*, Ron Mandos, Amsterdam, Holanda (2020)
- *Festival de Arte Contemporânea*, SESC VideoBrasil, São Paulo, Brasil (2012)
- *Novas Aquisições da Coleção Gilberto Chateaubriand*, Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil (2012)
- *Rumos 2005/06 Paradoxos Brasil*, Itaú Cultural, São Paulo, Brasil (2006)
- *Além da Imagem*, Paço Imperial, Rio de Janeiro, Brasil (2006)

coleções selecionadas

- Instituto Itaú Cultural, São Paulo, Brasil
- Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil

milton machado

te

radiante

radiante

radiante

te

radiante

radiante

radiante

e

radiante





Milton Machado
Radiante, 1979
intervencões em pano de limpeza
29 x 49 cm

milton machado

n. 1947, Rio de Janeiro, Brasil, onde vive e trabalha

Em seus primeiros trabalhos, majoritariamente desenhos realizados durante o período da ditadura, Milton Machado usava sua formação em arquitetura para criar projetos e relatos aparentemente lógicos que, na realidade, eram fictícios e inviáveis. Ao longo das décadas seguintes, o artista aumentou progressivamente a escala de sua produção e ampliou a diversidade dos gêneros utilizados, passando a incluir objetos, esculturas, vídeo, fotografia e grandes instalações. Ainda assim, continua explorando a tensão produzida pelo questionamento dos modelos de conhecimento científico que resultam de suas indagações artísticas.

Com suas intervenções, Milton Machado cria ou evidencia relações que são surpreendentes e reveladoras, preenchendo lacunas entre campos teoricamente separados: indústria e arte, arquitetura e imagem, família e política etc. Evitando conexões explícitas, ele usa a crítica e o humor misturados a um tom de profunda ironia e desilusão, de modo a criar narrativas visuais inventadas. Destaca-se, na sua obra, a série *História do futuro*, em andamento há 40 anos: uma fábula urbana que mescla teoria crítica, arquitetura e planejamento urbano, para discutir os movimentos dinâmicos e imprevisíveis da vida e morte de uma cidade ficcional.

exposições individuais selecionadas

- *Cabeça*, Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB-BH), Belo Horizonte; Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB-RJ), Rio de Janeiro, Brasil (2015)
- *Mão Pesada*, Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2013)
- *X*, Nara Roesler, Rio de Janeiro, Brasil (2016)

exposições coletivas selecionadas

- *In Memoriam*, Caixa Cultural Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil (2017)
- *Em polvorosa*, Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil (2016)
- *Made in Brasil*, Casa Daros, Rio de Janeiro, Brasil (2015)
- *Imagine Brazil*, DHC/ART Foundation for Contemporary Art, Montreal, Canadá (2015)
- *Where the streets have no name*, CSS Bard and Hessel Museum of Art, Nova York, EUA (2014)

coleções selecionadas

- Daros Foundation, Zurique, Suíça
- Essex Collection of Art from Latin America (ESCALA), University of Essex, Colchester, Reino Unido
- Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil
- Museo de Arte de Lima, Lima, Peru
- Museo Civico Gibellina, Gibellina, Itália

paulo bruscky





Paulo Bruscky
O que nos espera?, 2020
colagem de recortes
de offset sobre papel
29,8 x 21 cm





Paulo Bruscky
TV Brasil, 1982
colagem sobre papel
20 x 30 cm

paulo bruscky

n. 1949, Recife, Brasil, onde vive e trabalha

Paulo Bruscky é um dos expoentes da arte conceitual no Brasil e um dos principais precursores de diversas manifestações que envolvem arte, tecnologia e comunicação. Sua prática artística, baseada na ideia de arte como informação, é marcada pelo experimentalismo constante, resultando em um corpo de obras plural, composto por poesias visuais, livros de artista, performances, intervenções urbanas, filmes em Super-8 e trabalhos em novas mídias. A produção de Bruscky é também caracterizada pelo conteúdo de contestação social e política, resultado da sua postura crítica e militante, em parte concebida em contestação à ascensão de governos militares e o consequente estabelecimento de severos regimes ditatoriais em diversos países latino-americanos, incluindo o Brasil, durante um período que coincidiu com o início de sua trajetória.

Bruscky iniciou sua pesquisa no campo da arte conceitual nos anos 1960, participando, no final da década, do movimento poema/processo, por meio do qual estabeleceu contato com Robert Rauschenberg, membro do grupo Fluxus. Introduzido por Rauschenberg ao circuito internacional da Arte Postal, Bruscky ingressou no movimento em 1973, tornando-se um dos principais pioneiros dessa manifestação artística no Brasil. A partir de então, desenvolveu intenso diálogo com diversos artistas, principalmente os membros dos grupos Fluxus e Gutai, além de vários nomes da América Latina e do Leste Europeu – regiões com as quais o artista procurou privilegiar o contato, devido ao intenso processo de repressão política que os caracterizava na época. Grande parte de sua produção questiona as próprias funções da arte e as operações de seu sistema.

exposições individuais selecionadas

- *Paulo Bruscky. Etceterate*, Fundación Luis Seoane, A Coruña, Espanha (2018)
- *Xeroperformance*, Americas Society / Council of the Americas (AS/COA), Nova York, EUA (2017)
- *Paulo Bruscky: Artist Books and Films, 1970–2013*, The Mistake Room, Los Angeles; Another Space, Nova York, EUA (2015)
- *Paulo Bruscky*, Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP), São Paulo, Brasil (2014)
- *Paulo Bruscky: Art is our Last Hope*, The Bronx Museum, Nova York, EUA (2013)
- *Ars brevis*, Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo (MAC USP), São Paulo, Brasil (2007)

exposições coletivas selecionadas

- *Ismo, Ismo, Ismo. Cine experimental en América Latina*, Museo Nacional Centro de Arte Reina Sofia (MNCARS), Madrid, Espanha (2019)
- *AI-5 50 anos – Ainda não terminou de acabar*, Instituto Tomie Ohtake (ITO), São Paulo, Brasil (2018)
- *Memorias del subdesarrollo: el arte y el giro descolonial en América Latina, 1960–1985*, Museo de Arte de Lima (MALI), Lima, Peru; Museo Jumex, Cidade do México, México (2018)
- *Histórias da Sexualidade*, Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand (MASP), São Paulo, Brasil (2017)
- 10ª Bienal do Mercosul, Porto Alegre, Brasil (2015)
- *Frames and Documents: Conceptualist Practices*, Cisneros Fontanals Art Foundation – CIFO Art Space, Miami, EUA (2011)
- 29ª Bienal Internacional de São Paulo, São Paulo, Brasil (2010)

coleções selecionadas

- Centre Georges Pompidou, Paris, França
- Museum of Modern Art (MoMA), Nova York, EUA
- Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil
- Stedelijk Museum, Amsterdam, Holland
- Tate Modern, Londres, Reino Unido

raul mourão





Raul Mourão
Swing Barra # 02, 2021
aço corten
unique
70 x 30 x 30 cm



Raul Mourão
Swing Barra # 01, 2021
aço corten
unique
50,5 x 60 x 30 cm



raul mourão

n. 1967, Rio de Janeiro, Brasil, onde vive e trabalha

Raul Mourão nasceu no Rio de Janeiro em 1967, vive e trabalha entre sua cidade natal e Nova York. Expoente de uma geração que marcou o cenário carioca dos anos 1990, é reconhecido por sua produção multimídia, composta por desenhos, gravuras, pinturas, fotografias, vídeos, esculturas, instalações e performances, na qual se destaca seu olhar sempre permeado pelo senso de humor crítico sobre o espaço urbano. Inspirado pela paisagem metropolitana (inicialmente a carioca), o artista cria a partir de observações do cotidiano, desenvolvendo propostas que transitam entre o documental e a ficção. Suas obras, constituídas por materiais diversos que ressignificam os elementos visuais da cidade, estimulam reflexões sobre o espaço e o corpo social.

Mourão iniciou sua produção artística na segunda metade da década de 1980, participando de exposições a partir de 1991. Realizou em 1989 os primeiros registros fotográficos sobre grades de proteção, segurança e isolamento presentes nas ruas do Rio de Janeiro, o que resultou em sua conhecida série *Grades*. A partir dos anos 2000, a pesquisa foi desdobrada e resultou em esculturas, vídeos e instalações. Desde 2010, Mourão expandiu as referências para outras estruturas modulares de formas geométricas próprias do contexto urbano, realizando esculturas e instalações cinéticas de caráter interativo, que podem ser acionadas pelo público. Entre outros aspectos, o artista estabelece por meio dessas obras uma associação entre a problemática da violência urbana implícita nas obras anteriores e a preocupação formalista com o equilíbrio estrutural.

exposições individuais selecionadas

- *Viva Rebel*, Rio de Janeiro, Brasil (2021)
- *Fora/Dentro*, Museu da República, Rio de Janeiro, Brasil (2018)
- *Você está aqui*, Museu Brasileiro de Ecologia e Escultura (MuBE), São Paulo, Brasil (2016)
- *Please Touch*, The Bronx Museum, Nova York, EUA (2015)
- *Tração animal*, Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil (2012)
- *Toque devagar*, Praça Tiradentes, Rio de Janeiro, Brasil (2012)

exposições coletivas selecionadas

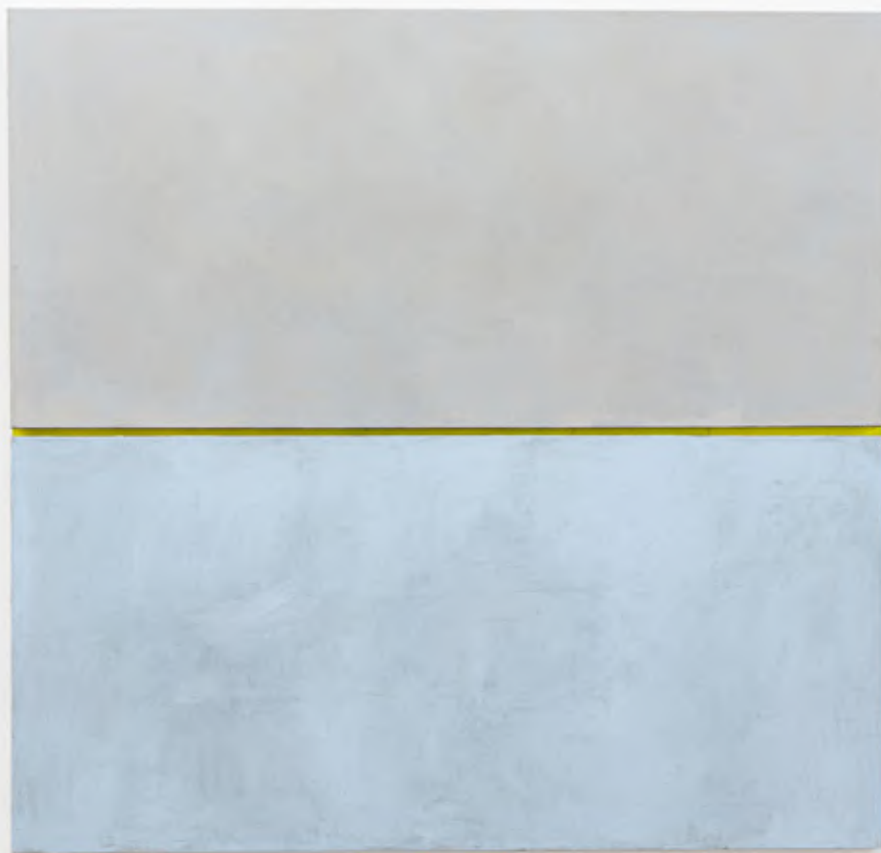
- *Coleções no MuBE: Dulce e João Carlos de Figueiredo Ferraz – Construções e geometrias*, Museu de Ecologia e Escultura (MuBE), São Paulo, Brasil (2019)
- *Modos de ver o Brasil: Itaú Cultural 30 anos*, Oca, São Paulo, Brasil (2017)
- *Mana Seven*, Mana Contemporary, Miami, EUA (2016)
- *Brasil, Beleza?! Contemporary Brazilian Sculpture*, Museum Beelden Aan Zee, Haia, Países Baixos (2016)
- *Bienal de Vancouver 2014–2016 - Open Borders Crossroads Vancouver*, Vancouver, Canadá (2014)

coleções selecionadas

- ASU Art Museum, Tempe, EUA
- Instituto Itaú Cultural, São Paulo, Brasil
- Museu de Arte Contemporânea de Niterói (MAC-Niterói), Niterói, Brasil
- Museu de Arte do Rio (MAR), Rio de Janeiro, Brasil
- Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil

sérgio sister





Sérgio Sister
Sem título, 2020
óleo sobre tela sobre alumínio
190 x 180 cm

sérgio sister

n. 1948, São Paulo, Brasil, onde vive e trabalha

Sérgio Sister iniciou sua produção no final da década de 1960, período em que atuou como jornalista e se aproximou da militância política de resistência ao regime militar brasileiro (1964–1985). Em 1970, Sister foi preso pelo Departamento Estadual de Ordem Política e Social (Deops-SP) e, durante dezenove meses, esteve encarcerado no Presídio Tiradentes, em São Paulo, participando de oficinas de pintura realizadas na instituição. Como parte da geração 80, ele revisita uma antiga temática pictórica: a interação entre superfície e tridimensionalidade, na tentativa de liberar a pintura no espaço. O que marcou sua produção da época é a superposição de camadas cromáticas, resultando em campos de cor autônomos que coexistem harmoniosamente.

Hoje, seu trabalho combina pintura e escultura. Ele utiliza suportes derivados de estruturas encontradas e de sistemas designados a servir a nossas necessidades cotidianas, como observado nas séries *Ripas*, produzida desde o final dos anos 1990, e *Caixas*, desde 1996, cujos nomes referem-se aos produtos manufaturados dos quais derivam. São pinturas escultóricas feitas a partir de vigas de madeira encontradas, lembrando engradados, pórticos ou caixilhos de janelas. Sister pinta as vigas de madeira em várias cores e as monta em configurações que fazem surgir variadas profundidades, sombras e experiências de cor.

exposições individuais selecionadas

- *Then and Now*, Nara Roesler, Nova York, EUA (2019)
- *Sérgio Sister: O sorriso da cor e outros engenhos*, Instituto Ling, Porto Alegre, Brasil (2019)
- *Sérgio Sister*, Kupfer Gallery, Londres, Reino Unido (2017)
- *Sergio Sister: Malen Mit Raum, Schatten und Luft*, Galerie Lange + Pult, Zurique, Suíça (2016)
- *Expanded Fields*, Nympe Projekte, Berlim, Alemanha (2016)
- *Ordem Desunida*, Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2015)

exposições coletivas selecionadas

- *A linha como direção*, Pina Estação, São Paulo, Brasil (2019)
- *The Pencil is a Key: Art by Incarcerated Artists*, The Drawing Center, Nova York, EUA (2019)
- *Géométries Américaines, du Mexique à la Terre de Feu*, Fondation Cartier pour l'Art Contemporain, Paris, França (2018)
- *AI-5 50 anos – Ainda não terminou de acabar*, Instituto Tomie Ohtake (ITO), São Paulo, Brasil (2018)
- *MAC USP no século XXI – A era dos artistas*, Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo (MAC USP), São Paulo, Brasil
- 25ª Bienal de São Paulo, Brasil (2002)

coleções selecionadas

- François Pinault Collection, Veneza, Itália
- Fundación/Colección Jumex, Cidade do México, México
- Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM-Rio), Rio de Janeiro, Brasil
- Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil

vik muniz





Vik Muniz
Repro: View of Rio de Janeiro,
a partir de Thomas Ender, 2021
impressão jato de tinta em papel archival
edição de 6 + 4 PA
160 x 240 cm

vik muniz

n. 1961, São Paulo, Brasil

vive e trabalha entre Rio de Janeiro, Brasil e Nova York, EUA

A obra de Vik Muniz questiona e tensiona os limites da representação. Apropriando-se de matérias-primas como algodão, açúcar, chocolate e até lixo, o artista meticulosamente compõe paisagens, retratos e imagens icônicas retiradas da história da arte e do imaginário da cultura visual ocidental, propondo outros significados para esses materiais e para as representações criadas.

Para a crítica e curadora Luisa Duarte, “sua obra abriga uma espécie de método que solicita do público um olhar retrospectivo diante do trabalho. Para ‘ler’ uma de suas fotos, é preciso indagar o processo de feitura, os materiais empregados, identificar a imagem, para que possamos, enfim, nos aproximar do seu significado. A obra coloca em jogo uma série de perguntas para o olhar, e é nessa zona de dúvida que construímos nosso entendimento”.

Muniz também se destaca pelos projetos sociais que coordena, partindo da arte e da criatividade como fator de transformação em comunidades brasileiras carentes e criando, ainda, trabalhos que buscam dar visibilidade a grupos marginalizados na nossa sociedade.

exposições individuais selecionadas

- *Vik Muniz*, The Sarasota Museum of Art (SMOA), Ringling College of Art and Design, Sarasota, EUA (2019)
- *Imaginária*, Solar do Unhão, Museu de Arte Moderna de Salvador (MAM-BA), Salvador, Brasil (2019)
- *Vik Muniz: Verso*, Belvedere Museum Vienna, Viena, Áustria (2018)
- *Afterglow – Pictures of Ruins*, Palazzo Cini, Veneza, Itália (2017)
- *Relicário*, Instituto Tomie Ohtake (ITO), São Paulo, Brasil (2011)

exposições coletivas selecionadas

- *Naar Van Gogh*, Vincent van GoghHuis, Zundert, Países Baixos (2018)
- *Troposphere – Chinese and Brazilian Contemporary Art*, Beijing Minsheng Art Museum, Beijing, China (2017)
- *Look at Me!: Portraits and Other Fictions from the “la Caixa” Contemporary Art Collection*, Pera Museum, Istambul, Turquia (2017)
- *Botticelli Reimagined*, Victoria & Albert Museum, Londres, Reino Unido (2016)
- 56ª Venice Biennale, Itália (2015)
- 24ª Bienal de São Paulo, Brasil (1998)

coleções selecionadas

- Centre Georges Pompidou, Paris, França
- Guggenheim Museum, Nova York, EUA
- Museo Nacional Centro de Arte Reina Sofía (MNCARS), Madri, Espanha
- Museum of Contemporary Art, Tóquio, Japão
- The Tate Gallery, Londres, Reino Unido
- The Whitney Museum of American Art, Nova York, EUA

nara roesler

são paulo

avenida europa 655,
jardim europa, 01449-001
são paulo, sp, brasil
t 55 (11) 2039 5454

rio de janeiro

rua redentor 241,
ippanema, 22421-030
rio de janeiro, rj, brasil
t 55 (21) 3591 0052

new york

511 west 21st street
new york, 10011 ny
usa
t 1 (212) 794 5034

nararoesler.art

info@nararoesler.art